

# **O REI ESTÁ VOLTANDO**

**Arno C. Gaebelin**

**Edições Cristãs**

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

## **O REI ESTÁ VOLTANDO**

**Arno C. Gaebelin**

**1ª edição brasileira:** 1980

**2ª edição brasileira:** março de 1986

**3ª edição brasileira:** janeiro de 2015

**Tradução:** Ronaldo e Janeta Watterson

**Capa:** Daniel de Almeida Jané

**ISBN:** 978-85-7558-125-4

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

**EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

**Endereço eletrônico:** edicoescristas@uol.com.br

**Site:** www.edicoescristas.com.br

# ÍNDICE

Introdução

Mateus 24.4-44

Mateus 24.45-51; 25.1-30

Mateus 25.31-46

**.oOo.**

# INTRODUÇÃO

**O grande discurso de nosso Senhor** proferido no Monte das Oliveiras encontra-se nos capítulos vinte e quatro e vinte e cinco do evangelho segundo Mateus. Depois do capítulo treze de Mateus, onde achamos as sete parábolas, são estes os dois capítulos pior compreendidos. Teremos ocasião de apresentar as interpretações errôneas que surgem, provenientes principalmente de uma falsa concepção das características da época em que vivemos.

Aproximemo-nos com muita atenção desta parte do evangelho. Esperamos a direção do Espírito Santo, pois Ele é capaz de revelar estas palavras do Senhor ao nosso entendimento. Que Ele nos ajude a apresentar uma exposição simples e clara das grandes declarações proféticas do Senhor.

Primeiramente, olharemos para os capítulos vinte e quatro e vinte e cinco de uma maneira geral. Mencionamo-los juntos porque nunca deveriam ser separados. Eles contêm um grande discurso, o discurso do Monte das Oliveiras, proferido em resposta às perguntas que os discípulos haviam feito ao Senhor Jesus. Em Marcos e Lucas, o Espírito de Deus tem registrado partes deste discurso, mas é apenas no primeiro evangelho, o de Mateus, que encontramos um relato completo do mesmo. Isto está em perfeita harmonia com o escopo do referido evangelho.

"Suscitar-lhes-ei um profeta do meio dos seus irmãos, semelhante a ti" (Deuteronômio 18.18).

Assim Deus havia falado a Moisés. Sabemos, pelo livro dos Atos, que esta era uma profecia para ser cumprida na pessoa do Senhor Jesus Cristo (Atos 3.22; 7.37). Mas o Senhor é maior do que Moisés (Hebreus 3.5-6). No primeiro grande discurso deste evangelho, o Sermão da Montanha, Ele fez uma exposição da Lei e falou com mais autoridade do que Moisés, pois este jamais poderia ter falado: "Eu vos digo..." Ele cumpriu a lei. Mas Moisés era também profeta. Antes de deixar o seu povo, proferiu uma grande profecia que se encontra em Deuteronômio 32, a qual, apresentada na forma de um cântico, é uma revelação maravilhosa e inspirada da história de Israel. Os atos de Deus nas relações com eles, no passado, são lembrados e depois segue-se uma predição do seu futuro até ao fim, o qual, até ao presente, ainda não foi alcançado. A referida predição é seguida pela bênção de Moisés, que também é uma profecia.

E agora, o Senhor Jesus, que é maior do que Moisés, e que é o profeta semelhante a Moisés, apresenta uma grande profecia, mais completa e de maior alcance do que a de Moisés. Ele, Jeová, viera ao meio do Seu povo. Como Rei, oferecera o reino prometido. Ele e a oferta do reino foram rejeitados pelos Seus e agora, antes de ir à cruz, a fim de cumprir tudo quanto fora

escrito na lei e nos profetas com referência aos Seus sofrimentos, Ele prediz acontecimentos do fim da época e Sua futura manifestação gloriosa, que introduzirá aquela nova era de bênção e de glória, da qual o Seu Seu próprio Espírito testemunhou em todos os profetas.

O discurso das Oliveiras é uma grande profecia, o último grande pronunciamento do Rei. Foi proferido, como mais tarde veremos, em resposta a uma pergunta dos discípulos. Jesus acabara de predizer a destruição dos edifícios magníficos do templo e, enquanto estava assentado no Monte das Oliveiras, onde no futuro Seus gloriosos pés pisarão na hora de Sua manifestação, eles Lhe perguntaram: *"Dize-nos, quando sucederão estas coisas? E que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século?"* (Mateus 24.3). Descobriremos mais adiante que aqui em Mateus o Espírito de Deus, ao dar-nos o discurso, não nos dá as palavras que se referem à destruição do templo, que ainda estava em pé. Ele omite certas palavras que, todavia, se encontram no evangelho segundo Lucas. Tudo isto, e muito mais, a nossa exposição trará à luz.

O discurso propriamente dito divide-se em três partes, claramente assinaladas. A resposta do Senhor à pergunta começa no quarto versículo. Até o versículo 44, temos a primeira parte de Suas predições. A partir do versículo 45, Ele muda a Sua maneira de falar. Não faz mais predições diretas, mas volta a falar por parábolas. Estas são três: 1) A parábola dos dois servos; 2) A parábola das dez virgens; 3) A parábola dos talentos.

Em uma delas encontramos mais uma vez a frase "reino dos céus", que é tão peculiar ao evangelho de Mateus. Estas parábolas terminam no versículo 30 do capítulo 25. Nos versos que se seguem, o Senhor não fala mais por parábolas. É verdade que os versos 31 a 46 são muitas vezes chamados de parábolas; são, porém, uma revelação que o Rei faz, acerca de Sua aparição gloriosa e do juízo que executará naquele dia. Temos, portanto, uma divisão tríplice no discurso das Oliveiras:

Primeira divisão: 24.4-44;

Segunda divisão: 24.45-25.30;

Terceira divisão: 25.31-46.

Examinaremos estas divisões para, antes de mais nada, descobrirmos a que época ou tempo elas se referem e, depois de refutarmos algumas de suas falsas interpretações e concepções errôneas, pretendemos estudar cada divisão detalhadamente.

Ao lermos toda a primeira parte do discurso de nosso Senhor, verificamos que ela se refere a discípulos que necessariamente tinham de ser judeus. Nesta parte, o Senhor fala do fim da era, do tempo de miséria que há de vir, da grande tribulação e chega-se ao clímax nesta

divisão, quando o Senhor fala da Sua volta nas nuvens do céu com poder e grande glória. Isto há de acontecer imediatamente depois dos dias daquela tribulação.

A interpretação mais comum desta parte do discurso é a que ensina que a mesma já foi totalmente cumprida, que a grande tribulação é coisa do passado e que o Senhor Jesus Cristo voltou na destruição de Jerusalém. É este método ridículo de espiritualizar que conduz a tamanha violência contra a Palavra de Deus. Estes intérpretes entregam-se às imaginações mais disparatadas e fantasiosas com o fim de provar a veracidade das suas afirmações.

Não raras vezes lançam mão dos escritos de Josefo, em lugar da Palavra de Deus. Segundo os seus ensinamentos, o ano 70 A. D. foi o ano em que "o Filho do homem veio nas nuvens do céu com grande poder e glória". Num volume recentemente escrito, o autor tenta superar as dificuldades, dizendo o seguinte: "Mas quem poderá dizer quais outras cenas apareceram no momento final da catástrofe? [a destruição de Jerusalém por Tito]. A 'vinda' foi como um relâmpago, não permanecendo durante dias como a glória no Monte Sinai. A visão da glória de Jeová era como fogo devorador no cume das montanhas, aos olhos dos filhos de Israel, e aquela glória era uma presença real, uma verdadeira '*parousia*', pois Jeová baixou sobre o Monte Sinai. Contudo, naquela '*parousia*' do Sinai, os israelitas não viram nenhuma figura ou forma da Pessoa divina. Se aqueles que viram o sinal do Filho do homem que apareceu nos céus imediatamente após a tribulação daqueles dias viram a pessoa e a forma do próprio Filho do homem, ou apenas algum símbolo de Sua presença, é coisa que tem de continuar sendo um mistério".

Esta interpretação, que considera os versos 4 a 44 como cumpridos no passado, no tempo em que Tito sitiou a Jerusalém, tem a sua origem numa ignorância lastimável dos procedimentos dispensacionais de Deus para com judeus e gentios. Ela nada deixa para a nação israelita no futuro. Teríamos de nos alongar demais para podermos demonstrar a impossibilidade de o Senhor, ao fazer estas predições, ter-se referido aos acontecimentos que se deram entre a Sua ressurreição e a destruição de Jerusalém no ano 70 A. D..

Mas não tinha o Senhor algo a dizer neste discurso sobre o grande juízo que veio a Jerusalém? Sem dúvida, Ele tanto fez uma revelação como também uma advertência sobre o mesmo. Porém a narração desta profecia da destruição de Jerusalém por Tito não nos é apresentada em Mateus 24, mas vemos que o Espírito de Deus a apresentou no evangelho segundo Lucas. Em Lucas 21.20-23 encontramos as palavras que predizem o cerco e a queda de Jerusalém no ano 70 A. D.. Segundo aquela predição, depois de ocorrida a catástrofe e eles terem caído ao fio

da espada e sido levados cativos, é que Jerusalém seria pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios se cumprissem. Isto aconteceu depois da destruição da cidade e Jerusalém ainda está sendo pisada porque os tempos dos gentios ainda não se esgotaram.

Agora, porém, voltando às palavras de Mateus, achamos um resultado completamente diferente da manifestação do Filho do homem em glória e nas nuvens do céu (aquilo que o pós-milenismo afirma ser idêntico à destruição de Jerusalém). Não há nem sequer uma palavra sobre eles serem espalhados entre as nações, mas é afirmado exatamente o contrário, isto é, que os Seus anjos "ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus".

As predições em Mateus 24.4-44 não têm absolutamente nada a ver com os quarenta anos que precederam a destruição de Jerusalém, nem também com o referido acontecimento ocorrido no ano 70. Que tais predições referem-se à Judeia e a Jerusalém, que eles são concernentes a discípulos judeus e descrevem cenas de angústia e tribulação que terão lugar na terra de Israel, isto sim, é bem verdade.

Outro modo de explicar estas primeiras predições do discurso das Oliveiras é aplicá-las a esta era cristã em que vivemos. Isto é geralmente feito por aqueles que têm a crença bíblica correta sobre a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. Eles rejeitam o ensino espiritualista do pós-milenismo e afirmam que haverá uma futura grande tribulação que terminará com a manifestação visível e gloriosa do Filho do homem, vindo dos céus. Dizem-nos que o Senhor descreve toda esta era cristã, principalmente o seu fim. Afirma, então, que a Igreja tem de permanecer na terra neste fim de era e passar pela grande tribulação e que, portanto, as exortações contidas neste capítulo são dirigidas aos crentes que viverem no fim desta era.

Esta interpretação errada tem confundido não poucos entre o povo de Deus. Seja alguém esclarecido sobre dois importantes ensinamentos da Palavra e logo estará livre da interpretação errônea desta parte do discurso do Senhor. Referimo-nos ao ensino das Escrituras sobre o que é a Igreja, sua vocação e o seu destino e, em segundo lugar, ao ensino da palavra profética de que o Senhor há de chamar de entre os judeus um remanescente fiel, que sofrerá e testemunhará no fim da era. Se alguém, seja ele ensinador ou não, ignorar um ou outro destes fatos, há de ficar confuso na sua concepção da primeira parte de Mateus 24.

Além disso, é necessário dizer que os discípulos nada sabiam sobre uma era cristã. Uma tal era nem poderia começar quando eles perguntaram acerca do fim da era. Eles não se referiam à era cristã, mas sim, à sua era judaica. Em todos estes quarenta versículos, tudo tem um caráter judaico.

A advertência é contra falsos cristos e falsos profetas; a advertência feita à Igreja é contra falsos espíritos. A condição de salvação, segundo a qual é necessário perseverar até ao fim, não é dada em lugar nenhum ao crente cristão, o qual é salvo e seguro no Senhor Jesus Cristo. Há um sentido completamente diferente aqui. Também a oração para que a fuga não se dê no dia de sábado é judaica, visto que o crente cristão não tem um sábado, mas sim o dia do Senhor.

A referência a Daniel e à grande tribulação, que nunca se refere à Igreja, mas sim a Israel, mostra-nos que não estamos em terreno cristão e sim judaico. A pregação mencionada é a do Evangelho do Reino, não o Evangelho que agora é anunciado, pois pregamos o Evangelho da Graça. Quando passarmos a considerar os diferentes versículos, voltaremos a examinar cuidadosamente esta teoria e provaremos que é errada, pelo que está escrito.

Ainda resta a terceira maneira de interpretar estas palavras de nosso Senhor, ou seja, considerar as predições acerca do fim da era judaica como sendo ainda futuras. Esta é a chave única e certa para a compreensão destes versículos. A primeira parte do discurso das Oliveiras é uma predição de como a era judaica terminará. Os discípulos conheciam apenas uma era judaica. Esta era judaica ainda não terminou; ela tem sido interrompida.

Um estudo cuidadoso da grande profecia de Daniel 9.24-27 revela o fato de que um "ano-semana", o septuagésimo, não se cumpriu ainda. A era cristã, na qual Deus visita os gentios e deles toma um povo para o Seu Nome, a Igreja, é o grande parêntese que se abriu entre a sexagésima nona e a septuagésima semana de Daniel. Assim que o propósito de Deus — a complementação da Igreja — for cumprido, o Senhor começará novamente a tratar com Israel e a septuagésima semana (sete anos) porá fim à era judaica. Antes que possa chegar aquele fim (a septuagésima semana) a Igreja terá que ser completada e removida destas cenas terrestres, segundo o seu destino, que foi divinamente revelado. Uma vez a Igreja completa e arrebatada, seguir-se-á o fim da era e este será judaico. O estado do, assim chamado, "mundo cristão" será de completa apostasia.

Então os 144.000, de que lemos em Apocalipse 7, serão selados e testemunharão. Este é o remanescente judaico e as exortações aqui contidas são para eles. Não há dúvida de que, quando o tempo vier, eles acharão grande conforto nestas palavras de nosso Senhor. Pregarão o Evangelho do Reino e o testemunho incompleto de que lemos em Mateus capítulo 10, será completado por eles.

Assim, os discípulos a quem o Senhor se dirigiu eram representantes típicos de discípulos igualmente judeus, que viverão depois de a Igreja ter cessado o seu testemunho. Um fato significativo é



que esta interpretação pode ser confirmada por muitas passagens do Velho Testamento. O ensino acerca de um remanescente futuro de crentes judaicos, sofrendo e testemunhando para Deus durante a grande tribulação, é muito evidente no Velho Testamento.

Teremos ocasião de considerar algumas destas referências quando chegarmos a considerar os vários versículos que tratam do assunto. O Velho Testamento prediz um cerco de Jerusalém que ainda não se realizou. O leitor, voltando para o capítulo 14 de Zacarias, encontrará uma descrição completa do que espera a Jerusalém e de um remanescente fiel nos últimos tempos. Embora Jerusalém tenha sido sitiada tantas vezes no passado, nenhum daqueles sítios pode ser considerado como sendo o cumprimento de Zacarias capítulo 14.

O Senhor mesmo aparecerá para o livramento do Seu povo, firmando-se Seus pés no Monte das Oliveiras. Mateus 24.4-44 refere-se a isto e a Sua vinda com todos os Seus santos, em Zacarias, corresponde à *"vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu com poder e grande glória"*.

Na segunda parte deste discurso, de 24.45 a 25.30, vemos que o Senhor fala de uma maneira completamente diferente. Ele não mais menciona a tribulação, nem o sábado, nem a Judeia. Ele fala, novamente, por parábolas. Estas parábolas, tendo cada uma a Sua vinda como ensino principal, referem-se, não à igreja cristã, como alguns têm dado a entender; ao contrário, referem-se à profissão cristã. Notamos o verdadeiro e o falso através de toda esta divisão: Um servo fiel e um servo mau; virgens prudentes e virgens néscias, servos que usam o seu talento e um que não o faz. Aqui, então, temos a revelação do julgamento entre o verdadeiro e o falso.

A terceira parte, 25.31-40, não é uma revelação concernente ao juízo universal; tal julgamento jamais é mencionado na Bíblia. O Senhor descreve o julgamento das nações, que se realizará quando Ele estiver assentado sobre o trono da Sua glória.

.oOo.

## **PRIMEIRA PARTE**

### **Mateus 24.4-44**

# O fim da era

**A primeira parte do discurso das Oliveiras** está agora perante nós. No final do capítulo 23 aprendemos que o Rei, após a Sua amorosa lamentação sobre Jerusalém, fez a seguinte declaração: "Eis que a vossa casa vos ficará deserta". Esta profecia está sendo cumprida nesta presente era. No começo do capítulo 24 lemos que o Senhor deixou o templo: *"Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dEle os Seus discípulos para Lhe mostrar as construções do templo"*.

Há uma semelhança notável entre o fim do capítulo 12 e o começo do capítulo 13, e o fim do capítulo 23 e o começo do capítulo 24. No final do capítulo 12, o Senhor, pela Sua ação simbólica em recusar-Se a ver Sua mãe e irmãos, declarou rompida a Sua relação com os Seus, para quem Ele viera e por quem não foi recebido. No fim do capítulo 23 há um rompimento mais notável ainda com a nação, aquela nação pela qual Ele viera morrer.

Em Mateus 13 está registrado que no mesmo dia Ele saiu de casa e assentou-Se à beira mar, ali expondo as Suas parábolas acerca do reino dos céus. No capítulo 24 Ele também sai e vai embora, para logo depois Ele proferir o grande discurso das Oliveiras. Enquanto as Suas parábolas, os mistérios do reino, se relacionam a esta presente era e ao fim da era, de um modo geral, na primeira parte do discurso das Oliveiras Ele revela os detalhes daquele fim da era do qual Ele falou repetidamente no capítulo 13 de Mateus.

Saindo do templo e dirigindo-Se para o Monte das Oliveiras, o Senhor tinha que atravessar o ribeiro Cedrom e, ao subirem a montanha, eles deveriam ter tido uma vista magnífica dos edifícios do templo. Estes edifícios eram da mais maciça construção, estando alguns deles ainda em fase de edificação. Um muro enorme cercava toda a área do templo. Algumas das pedras usadas naquele muro mediam mais de cinco metros de comprimento. Deveria ter sido uma vista maravilhosa aos olhos humanos.

Nenhuma palavra saíria dos lábios dos discípulos durante os acontecimentos descritos nos capítulos 22 e 23. Eles tinham ouvido as Suas respostas às tentações dos fariseus e o Seu pronunciamento contra eles. Escutaram a Sua lamentação amorosa sobre Jerusalém e

ouviram Sua predição sobre a desolação de sua casa. Mas agora eles chamam a Sua atenção para os edifícios do templo, para a grande cena que está diante deles. *"Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada"*.

Que predição solene foi esta! Como deve ter impressionado àqueles judeus, Seus discípulos, cujos corações se apegavam ao templo e aos seus edifícios maravilhosos. Estas grandes pedras, tão solidamente assentadas, seriam desmanteladas, não restando sequer uma sobre outra. Somente o Senhor poderia fazer tal predição. E é esta a predição que se refere à destruição do templo na grande catástrofe que sobreveio a Jerusalém no ano 70 A. D. e que, como já foi dito, foi amplamente apresentada por nosso Senhor em Lucas 21.20-24. O que aconteceria à cidade rebelde, aos assassinos, o Senhor havia revelado na parábola das bodas, quando disse: *"O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade"*.

No Monte das Oliveiras achava-Se Jesus assentado, quando se aproximaram dEle os discípulos, em particular, e Lhe pediram: *"Dize-nos, quando sucederão estas coisas e qual sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século?"*

A pergunta dos discípulos é tríplice: Quando sucederão estas coisas? Qual será o sinal da Tua vinda? Qual será o sinal da consumação do século? É de grande importância notar que a narração do discurso, conforme é dado pelo Espírito Santo, omite a resposta à primeira pergunta: *"Quando sucederão estas coisas?"*

Isto é evidente pelo fato de que o Senhor não diz uma só palavra acerca de Jerusalém ou da destruição do templo e, como foi afirmado em nossa introdução a este capítulo, em Lucas lemos sobre Jerusalém sendo sitiada, pelos exércitos, seus habitantes caindo ao fio da espada e sendo levados em cativo para todas as nações e a cidade sendo pisada pelos gentios, ao passo que, em Mateus 24, não achamos uma só palavra acerca disso.

Lemos, na verdade, que haverá na Judeia grande angústia, porém absolutamente nada sobre eles sendo levados em cativo, ou sobre Jerusalém sendo pisada pelos gentios. Ao invés de uma dispersão do povo eleito no fim da grande tribulação, lemos de um ajuntamento dos eleitos, em 24.31. A palavra "eleitos" refere-se literalmente a Israel.

Voltando às duas perguntas seguintes, *"qual o sinal da Tua vinda e da consumação do século?"*, é preciso que se diga que, sem dúvida, estas perguntas eram uma só na mente dos discípulos. Ele havia falado repetidas vezes sobre a Sua vinda. Como judeus verdadeiros, eles esperavam, e com toda a razão, pelo estabelecimento do reino messiânico pelo Messias. Eles viram como Ele, em Quem creram, e o reino que oferecera, haviam sido rejeitados. Tudo devia estar muito obscuro perante os seus olhos; porém,

tomando ânimo, Lhe perguntaram sobre o sinal da Sua vinda, a vinda que Ele antes mencionara.

É evidente que esta vinda é a vinda em poder e glória para o estabelecimento do reino prometido a Israel no Velho Testamento. Esta vinda é a Sua volta visível e gloriosa à terra, do mesmo modo como Ele subiu para o céu. Ela acontecerá na terra e Seus pés se firmarão no Monte das Oliveiras. Os evangelhos sinóticos não conhecem outra vinda do Senhor a não ser a Sua volta visível a Jerusalém e, relacionado com esta volta, sempre achamos, além de bênçãos, o juízo.

Esta vinda é completamente diferente da Sua vinda para Seus santos que constituem a Igreja. Esta vinda é revelada pelo apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses, capítulo 4. Naquele capítulo lemos que o Senhor chegará no ar, não descerá à terra. Os mortos em Cristo ressuscitarão e os santos vivos serão arrebatados, juntamente com eles, entre nuvens, para encontrar o Senhor nos ares e estar para sempre com Ele. Em João, capítulo 14, o Senhor diz alguma coisa que pode indicar esta vinda para os Seus, embora a maneira como acontecerá não seja dada a conhecer. É aquela palavra de conforto para os Seus: *"Voltarei e vos receberei para Mim mesmo"* (João 14.3).

É de admirar que crentes na vinda do Senhor Jesus Cristo possam ignorar a grande diferença entre a Sua vinda visível e gloriosa, Sua vinda em poder e grande glória, que terá lugar na terra de Israel, e a Sua vinda para a Igreja, revelada exclusivamente através do grande apóstolo. Não é de admirar que, onde esta distinção não é levada em conta, o que resulta é confusão e erro.

Então eles perguntaram acerca do fim ou consumação do século. Algumas traduções dizem simplesmente: "fim do mundo". Esta maneira de traduzir tem sido a causa de muito ensino errado. O fim do mundo, como geralmente é compreendido entre a cristandade, não é, de modo nenhum, o assunto deste trecho. Ele trata da consumação, ou encerramento da era, o *aion*. Como já demonstramos, esta era não pode ser a era cristã, mas sim, o encerramento da era judaica, que será ainda no futuro. A palavra profética do Velho Testamento todo prediz tal fim de era.

Ali encontramos numerosas predições de um dia vindouro, o dia do Senhor, no qual Jeová é visto em Sua glória e majestade, saindo para libertar Seu povo terrestre, perseguido e maltratado, que O espera, e também para julgar as nações. Segundo a profecia do Velho Testamento, este dia da manifestação visível e gloriosa do Senhor é precedido por um tempo de grande aflição e angústia. O centro da tribulação é Jerusalém e, quando o auge da tribulação é atingido, os céus e a terra são abalados e Jeová aparece.

Além disso, os profetas também descrevem um remanescente de judeus, crente e sofredor, passando por aquele tempo de aflição, ficando fiel no meio da apostasia universal, impiedade e adoração ao falso rei. Suas orações e clamores a Deus são profeticamente narrados pelo Espírito de Deus, bem como a sua salvação pela manifestação de Jeová. Ora, tudo isso jamais foi cumprido.

Aquele grande dia, tantas vezes mencionado pelos profetas, o dia do Senhor, ainda não veio; está no futuro. De igual modo, o tempo de angústia, chamado "o tempo de angústia de Jacó" e, portanto, o sofrimento de um remanescente judaico, que não se identifica com a Igreja, será no futuro. Quando o Senhor fala em Mateus, capítulo 24, da consumação da era e dos sinais da Sua vinda, Ele fala de tudo aquilo que foi revelado no Velho Testamento e que ainda não tem sido cumprido até o presente.

O propósito de Deus nesta presente era cristã é tirar de entre os gentios um povo para Seu Nome e este povo é a Igreja. Enquanto este chamado perdura através da pregação do Evangelho e novos membros são adicionados ao corpo do Senhor Jesus Cristo (a Igreja), o predito fim da era não vem. Além de termos no Velho Testamento uma descrição do fim da era, da qual nosso Senhor fala aqui, temos também outra no livro de Apocalipse, do capítulo 16 ao capítulo 19.

Ao estudar a explicação que o Senhor dá aqui em Mateus, precisamos comparar as profecias do Velho Testamento e as visões no livro do Apocalipse com o que Ele diz em Seu discurso. Para que a nossa interpretação seja correta, deverá haver uma harmonia perfeita entre estes três pontos: a profecia do Velho Testamento, Mateus 24.4-44 e Apocalipse, capítulos 16 a 19.

Passemos agora a estudar o texto e a considerar a primeira parte do discurso.

*"E Ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em Meu Nome, dizendo: Eu sou o Cristo e enganarão a muitos. E certamente ouviréis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém, tudo isto é o princípio das dores. Então sereis odiados e vos matarão. Então sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu Nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim" (versos 4-14).*

Estas primeiras palavras do Senhor descrevem o fim da era. De um modo secundário e geral, descrevem também, sem dúvida, as

características dos tempos durante os quais o Senhor não está na terra. Consideradas sob este aspecto, que argumento formam contra os modernos sonhos otimistas da Igreja professa!

Nem o Senhor, nem o Espírito, ao dar-nos as Epístolas do Novo Testamento, menciona uma só palavra para dizer que esta presente era e o mundo vão melhorar e que o fim será justiça e paz. O testemunho das Escrituras mostra exatamente o oposto. Guerras têm havido todos os tempos, como também rumores de guerras. Fomes, pestes e terremotos têm assolado este globo repetidas vezes, assim como perseguições àqueles que são do Senhor. Tudo isso é verdade, de um modo geral. Mas o Senhor não descreve a era como tal, antes mostra qual será o fim.

As palavras que temos diante de nós, falam-nos do começo daquele fim, visto que no último versículo citado, o versículo 14, o Senhor diz: "Então virá o fim". O que segue depois do versículo 14 refere-se diretamente ao fim. A última semana de Daniel, a septuagésima, é dividida em duas partes, cada uma contendo três anos e meio. As palavras deste trecho, até o verso 14, referem-se à primeira metade da última semana, enquanto o verso 15 e os que lhe sucedem trazem-nos para o meio daquela semana.

Os versos 4-14 contêm, então, a profecia do nosso Senhor, relacionada com o princípio do fim da era judaica, enquanto que, começando com o verso 15, temos a descrição do próprio fim com a sua grande e terrível tribulação e "o abominável da desolação". O período inteiro refere-se se à última semana da grande profecia de Daniel, uma semana profética, que consiste de sete anos, e que pode começar enquanto a Igreja estiver na terra.

A primeira parte dela está agora diante de nós. O Senhor diz, em Sua resposta sobre o sinal de Sua vinda e do fim da era, que estas coisas que Ele mencionou primeiro são "o princípio das dores" (verso 8). Vejamos agora as predições. Achamo-las na seguinte ordem:

1— Muitos vindo e dizendo: "Eu sou o Cristo" e conseguindo enganar a muitos.

2— Guerras e rumores de guerras; nação erguendo a espada contra nação; reino contra reino.

3— Fomes, pestilências e terremotos.

4— Muitas testemunhas a serem mortas e odiadas por todas as nações; profetas falsos e o desrespeito à lei prevalecendo.

5— A pregação do Evangelho do Reino antes da chegada do fim.

Estas são as espantosas profecias de nosso Senhor, que logo seriam seguidas por outras predições sobre o que acontecerá antes de Sua volta nas nuvens do céu, imediatamente depois da tribulação daqueles dias. Os discípulos, sendo todos judeus e, sem dúvida,

versados nas Escrituras do Velho Testamento, devem ter tido considerável conhecimento dos terríveis acontecimentos aqui descritos pelo Senhor, pois as profecias do Velho Testamento predizem exatamente tais tribulações, que hão de vir antes da visível manifestação de Jeová desde os céus abertos, do começo da restauração do Seu povo terrestre e das bênçãos da era vindoura. As seguintes passagens são somente algumas das que poderíamos citar: Joel 2.1-17; Oseias 5.14; Jeremias 30.4-9; Ezequiel 21.27; Daniel 12.1; Miqueias 7.1-17; Habacuque 3.16.

É também verdade que a tradição judaica afirma, em perfeita harmonia com estes pensamentos, que os dias precedentes à gloriosa vinda do Messias serão dias de apreensão e tristeza. Uma das antigas tradições é tão notável que a mencionaremos.

O rabino Jochunan diz: "Haverá sete anos de tribulação antes da vinda do Messias. No primeiro ano antes da vinda do Filho de Davi a profecia de Amós (4.7) será cumprida. No segundo ano de tribulação haverá seis meses de fome. No terceiro ano haverá a grande fome. Muitos homens, mulheres e crianças morrerão e os piedosos serão poucos. A lei e os profetas serão esquecidos por Israel. Os últimos anos trarão sinais nos céus e guerras e, no fim do sétimo ano, o Filho de Davi virá". Declarações semelhantes poderiam facilmente ser citadas dos escritos talmúdicos.

Tudo que os acima mencionados trechos do Velho Testamento predizem — um tempo de tribulação antes do começo de uma era de bênçãos, quando nações não mais aprenderão a guerrear — é ainda uma coisa do futuro e assim são também as predições que nosso Senhor faz aqui. Os discípulos, aos quais Ele diz estas palavras e dá estes avisos, são representantes típicos de discípulos que viverão quando o fim vier; serão discípulos judeus.

Quando, no Monte das Oliveiras, antes da Sua ascensão, Lhe fizeram a sua *última* pergunta: "Senhor, será este o tempo em que restaurarás o reino a Israel?", Ele respondeu: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade" (Atos 1.6, 7). O reino será restaurado com a vinda do Rei. Não lhes foi revelado quando isso havia de ser. Tudo seria adiado. Eles foram retirados da cena. Quando finalmente chegar esta ocasião, outros discípulos judeus, que estarão esperando pela restauração do reino a Israel, testemunharão, sofrerão, se lembrarão destas palavras de nosso Senhor e nelas acharão conforto e instrução.

E agora há ainda outra coisa mais significativa. Não são somente as profecias do Velho Testamento que descrevem grande aflição no final da era judaica, mas temos também uma descrição adicional destes

grandes eventos futuros no último livro da Bíblia, o único livro profético do Novo Testamento, o glorioso livro do "Apocalipse de Jesus Cristo".

Este livro é divinamente dividido em três partes (1.9): 1) As coisas vistas — Cristo andando no meio dos castiçais (capítulo 1); 2) As coisas que são — A presente era da Igreja; uma maravilhosa profecia concernente à história da Igreja (capítulos 2 e 3); 3) As coisas que hão de ser (capítulos 4 a 22). Nesta última divisão, segue-se o relato de tudo o que sucederá depois que a Igreja tiver completado a sua história.

A remoção da verdadeira Igreja da terra para o céu é prometida no terceiro capítulo do Apocalipse e é indicada nos primeiros versículos do quarto capítulo. No quarto e no quinto capítulos, a Igreja é vista simbolicamente nos vinte e quatro anciãos, assentados, vestidos e coroados diante do trono. Então o Cordeiro toma o livro e quebra os seus selos. Aquilo que é revelado, começando no sexto capítulo, a abertura dos selos, o toque das sete trombetas e o derramamento das sete taças junto com os grandes acontecimentos descritos desde este capítulo até o capítulo 19, não é outra coisa senão uma narração mais detalhada da última semana de Daniel.

É aqui, no último livro da Bíblia, que temos uma plena revelação de quais os juízos que serão executados sobre esta terra durante aquele período de aflição e de como será aquela grande tribulação para os moradores da terra, judeus e gentios (nunca a Igreja verdadeira). É um fato sumamente interessante que esta parte do Apocalipse (capítulos 6 a 19) sempre nos aponta a profecia do Velho Testamento. Centenas de passagens de todos os profetas poderão ser colocadas, facilmente, lado a lado, com as visões de julgamento, tribulação e ira do Apocalipse.

A conclusão à qual queremos chegar é a seguinte: se esta é a interpretação correta, se Mateus 24.4-14 se refere ao começo daquele futuro "fim da era", se Apocalipse 6 se refere ao mesmo "começo do fim" e aquilo que vem em seguida ao sexto capítulo nos introduz à grande tubulação, então deve haver a mais perfeita harmonia entre a parte do discurso das Oliveiras contido em Mateus 24 e a parte do Apocalipse, começando no sexto capítulo. E é isto o que, de fato, acontece!

Olhemos rapidamente ao sexto capítulo do Apocalipse. O Cordeiro abre um dos selos, depois de realizada aquela grande cena de adoração no céu. Lemos: "Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer". É estranho como tantos expositores tenham declarado que este é o Senhor mesmo. De fato, o Senhor é descrito neste livro como cavalgando um cavalo branco, mas esta descrição se acha no fim do livro, no capítulo 19. O cavaleiro do cavalo branco sob o primeiro selo é uma imitação. Ele é um cristo falso, pois ele tem somente um arco. Ele trará uma paz falsa entre as nações que, por algum tempo, poderão



estar alarmadas com a remoção sobrenatural da Igreja. O segundo cavaleiro "tirá a paz da terra", donde podemos concluir que o primeiro cavaleiro que estava sobre o cavalo branco (o branco é o emblema da paz) tinha estabelecido a paz.

Ao olharmos para Mateus 24 vemos que a primeira coisa mencionada pelo Senhor é acerca de enganadores que virão no fim da era, dizendo: "Eu sou o Cristo" e conseguindo levar muitos após si. É verdade que, durante a era passada, impostores vieram entre os judeus, apresentando-se como o Messias. Mesmo nos nossos dias, homens se levantam dizendo-se alguma pessoa importante: Elias, um profeta, ou mesmo o Cristo.

Todos estes são apenas ligeiras sombras do que acontecerá no fim que rapidamente se aproxima. De fato, as crescentes fraudes e as pretensões de homens e mulheres que, como cremos, são pessoas possuídas pelo demônio, são fortes indicações de que o fim está muito próximo. Então se levantarão enganadores, guiados por Satanás, possuídos pelos seus demônios, e entre eles haverá um poderoso líder saindo para conquistar, dizendo: "Paz, paz", quando não há paz.

O cavaleiro do cavalo vermelho, como já dissemos, tira a paz da terra. O segundo selo nos mostra a sua chegada com uma grande espada "para que os homens se matassem uns aos outros".

A segunda coisa que o Senhor diz em Mateus 24 é: *"E certamente ouvireis falar de guerras e de rumores de e guerras... porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino"* (verso 7). Guerras têm havido no passado; esta terra está saturada de sangue. Mas haverá um tempo, e este está bem próximo, quando, literalmente, "nação levantará a espada contra nação, e reino contra reino", quando se matarão uns aos outros. Qualquer pessoa que acompanhe a história de hoje verá como tudo está preparando-se para uma tal guerra universal. Mas, apesar disso, a Cristandade, segura e adormecida, está sonhando com paz, paz mundial e tempos de prosperidade!

A terceira coisa que o Senhor menciona é: "Haverá fomes" e o terceiro selo revela um cavaleiro sobre um cavalo preto, o qual tem na sua mão uma balança; o que ele diz indica claramente que ele traz fomes (Apocalipse 6.5-6). O cavaleiro do quarto selo vem montado num cavalo amarelo. Seu nome é "Morte". Ele mata os habitantes da quarta parte da terra. Isto corresponde ao anúncio do Senhor de que haverá pestilências e terremotos em diversos lugares". Terríveis têm sido as fomes, pestilências e terremotos dos últimos anos. Mas estes são insignificantes em comparação com aqueles a que o Senhor se refere aqui — os grandes acontecimentos que anunciam a toda a terra que o dia da ira está rapidamente aproximando-se. Bendito seja o Nome dAquele que nos livra da ira vindoura, pois a Igreja, a "Sua amada", a

"Sua pomba", a "Sua noiva", estará segura quando estas coisas terríveis acontecerem.

Com a abertura do quinto selo, não mais vemos um cavaleiro, mas, ao invés disso, ouvimos que as almas dos que haviam sido mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que haviam dado estavam debaixo do altar, clamando com grande voz e dizendo: "*Até quando?*" (Apocalipse 6.9-11). Quem são estes? Não são santos da Igreja. Todos estes já terão ressuscitado quando o Senhor vier nos ares (1 Tessalonicenses 4.17) e terão sido arrebatados com os santos vivos.

São aqueles do remanescente dos judeus que haviam começado a dar o seu testemunho da Palavra de Deus, depois de a Igreja ter partido, e que sofreram martírio por causa do seu fiel testemunho. É exatamente disso que o Senhor fala, em seguida, no Seu discurso: "*Então sereis atribulados e vos matarão; sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu Nome*". Como mostraremos mais tarde, este remanescente fiel de judeus irá, através do mundo, proclamando a vinda do reino e apregoando o arrependimento.

Vemos quão grande é a concordância entre o começo de Mateus 24 e o livro do Apocalipse, na abertura dos selos. Está, pois, provado que a interpretação que nos propusemos a dar é a correta.

Chamamos a atenção para apenas mais alguns dos fatos mencionados pelo Senhor. Falsos profetas se levantarão, enganando a muitos. A era judaica tem profetas falsos; a era cristã tem *mestres falsos*. "*Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também entre vós haverá falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras*" (2 Pedro 2.1). Estes falsos profetas que virão no fim da era judaica estarão possuídos de espíritos maus. Tal foi o caso durante a grande apostasia de Israel, sob o reinado de Acabe. O Senhor permitiu, naquela ocasião, que um espírito mentiroso se apoderasse dos falsos profetas como nos é revelado pelo profeta Micaías (2 Crônicas 18.18-22).

"*O desrespeito à lei prevalecerá*", isto é, prevalecerá completa anarquia. Isto também é claramente visto na abertura do sexto selo (Apocalipse 6.12-17). O terremoto, o escurecimento do sol, a lua tomando a cor de sangue, a queda das estrelas, o enrolamento dos céus e a remoção de montanhas e ilhas, são grandes símbolos de espantosos acontecimentos políticos que terão lugar nos primeiros três anos e meio. Governo e autoridade desaparecerão; poderes civis e eclesiásticos serão sacudidos; montanhas (símbolo do reinos) serão removidas dos seus lugares e, como consequência desta terrível sublevação, haverá um reino de terror e anarquia, pior do que as revoluções francesa e russa.

Toda classe de homens (os reis, os ricos, os pobres, os escravos e os livres) estarão possuídos de terror. Bem certo é o que um escritor

disse recentemente: "A cena aqui descrita é terrível e sublime. Os símbolos empregados para descrevê-la são os poderes naturais em convulsão. Toda a estrutura do poder governamental e civil na terra se desmorona. A desordem reina suprema. Não é somente o colapso deste ou daquele governo, mas a subversão total de toda autoridade governamental — seja suprema, seja dependente. A ideia geral que as metáforas apresentam é a de uma queda universal de toda autoridade existente; uma crise revolucionária de tal caráter e de tal vulto que reis e escravos estarão em igual terror. A queda vindoura envolverá, numa catástrofe geral, tudo quanto na terra é considerado seguro e forte. Um vasto caos civil será criado. Que cena terrível! Um mundo sem um magistrado! Sem nem mesmo uma imitação de poder! Sem governo, sem a autoridade de repressão!"

Este é o sexto selo e é exatamente como o Senhor diz: "O desrespeito à lei prevalecerá". E depois, o Iníquo assumirá o poder. Vemo-lo claramente no meio da semana. Como estão próximos, muito próximos, estes acontecimentos! Estão mesmo às nossas portas, como se vê pela crescente inquietação entre as nações e pela manifestação do espírito de anarquia entre todos os povos. Mas há Um que impede (2 Tessalonicenses 2). O Espírito Santo é Aquele que detém a sua manifestação e Ele tem Sua habitação no Corpo de Cristo, isto é, na Igreja.

Somente depois de a Igreja ser levada para a glória é que este Iníquo pode ser revelado. Mas, mesmo naqueles terríveis dias, a misericórdia de Deus se prolongará e mais um grande testemunho soará: o Evangelho do Reino, que será ainda pregado por um curto espaço de tempo a todas as nações e depois virá o fim.

*"E será pregado este Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim"* (verso 14). Este versículo se relaciona exclusivamente com o fim da era, isto é, da era judaica. E aqui temos que falar primeiramente sobre a aplicação errônea destas palavras de nosso Senhor.

Elas são geralmente interpretadas como uma condição que tem de ser cumprida antes da vinda do Senhor. O pós-milenismo, crendo, sem qualquer autoridade da Palavra de Deus, na conversão do mundo antes da vinda do Senhor, faz uso deste versículo para sustentar a sua teoria não escriturística. Seguem-se, então, outros que creem na vinda pré-milenal de Cristo e que também aplicam erroneamente esta declaração do Senhor. Eles sempre se referem à pregação do Evangelho a todas as nações como uma condição essencial para o Senhor poder vir buscar a Sua Igreja. Frequentemente e com insistência, isto é apresentado desta maneira em reuniões missionárias, como um incentivo a dar, pois, se o

Evangelho não for pregado a todas as nações, o Senhor não poderá vir. Tal aplicação deste versículo é, certamente, errada.

É verdade que o Evangelho tem que ser pregado em todos os lugares e que por meio desta pregação um povo é tirado de entre os gentios, um povo para o Seu Nome: a Igreja; mas não seria correto dizer que, para que o Senhor possa vir para a Sua Igreja, todos os indivíduos de todas as nações tenham que ouvir o Evangelho.

Crentes na bendita esperança da vinda do Senhor têm um grande interesse em missões no estrangeiro, a não ser que sejam dados a ideias extremas ou contrárias às Escrituras. Isto é claramente confirmado pelo número de missões para o exterior que têm sido fundadas por homens que creem na vinda pré-milenal do Senhor e também pelo grande número de missionários em todas as terras, que são cem por cento pré-milenistas.

A acusação de que a vinda iminente do Senhor paralisa o esforço missionário é totalmente injusta. Esta crença estimula a atividade missionária. O crente na vinda do Senhor deseja que o Evangelho seja pregado no grande e vasto campo das nações para que a Igreja seja completada quanto ao seu número. Quando isso será, ninguém pode dizer.

Se o verso em consideração contivesse uma condição essencial a ser cumprida antes que o Senhor pudesse vir, em glória, a fim de receber os Seus co-herdeiros, a Igreja, então o fim teria de ser adiado indefinidamente. Outras dificuldades apareceriam, se esse fosse realmente o caso.

Mas consideremos esta pregação do Evangelho como acontecimento futuro e tudo se tornará claro. Primeiramente, temos de lembrar-nos de que é no fim da era que as boas novas do reino serão proclamadas através da terra. O fim do qual o Senhor fala, a terminação da era judaica, como veremos mais adiante neste capítulo, será u'a manifestação visível do Filho do homem em poder e glória, saindo dos céus abertos. A Igreja glorificada, a Esposa do Cordeiro, virá com Ele naquela manifestação visível.

Fixemos isso claramente, antes de mais nada. A pregação da qual o Senhor fala é um testemunho futuro para todas as nações e este testemunho tem que ser dado antes de Sua manifestação visível.

Em segundo lugar, precisamos verificar qual o testemunho que será dado. Será a proclamação das boas novas, o Evangelho do Reino. Que significa isso? Leitores superficiais da Palavra de Deus não fazem distinção entre Evangelho do Reino e Evangelho da Graça. Muitos falam da pregação de João Batista e da pregação do Senhor e dos Seus discípulos, contidas na primeira parte de Mateus, quando eles anunciavam: "*Arrependei-vos, pois o reino do céu está próximo*", como se

fosse a mesma coisa que o Evangelho da Graça, que nos é oferecido tão livremente após a morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo. Há uma diferença entre o Evangelho do Reino e o Evangelho da Graça.

Que é, então, o Evangelho do Reino? Como aprendemos no começo do evangelho de Mateus, o Evangelho do Reino é a boa nova de que o reino prometido no Velho Testamento estava prestes a ser estabelecido com a manifestação do Rei. Porém, a nação O rejeitou e rejeitou o Seu reino. Agum tempo depois do dia de Pentecoste, este Evangelho do Reino foi anunciado à nação. Foi a judeus que Pedro pregou no dia de Pentecostes. E foi também o Evangelho do Reino que Pedro lhes anunciou após a cura do coxo, sendo este uma figura da nação (Atos 3.1). *"Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados e venham assim os tempos de refrigério pela presença do Senhor, e envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o Qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas, desde o princípio"* (Atos 3.19- -21). Esta era a boa nova do reino.

Se a nação tivesse então se arrependido e aceito a oferta que novamente lhes foi feita, o Senhor teria voltado e, com a Sua vinda, restituiria tudo, como foi predito pelos profetas. Esta restituição, naturalmente *não* consiste na ressurreição e restauração dos ímpios mortos, como certo "restitucionismo" falso ensina, mas sim, na restauração das gloriosas coisas do reino terrestre e das bênçãos prometidas a Israel. Logo a nação rejeitou esta última oferta, no ato de apedrejar Estêvão. A medida estava cheia. No Velho Testamento, Jeová se oferecera para ser o seu Rei e eles O rejeitaram. Então Ele veio, manifesto em carne, e também O rejeitaram, a Deus, o Filho. Finalmente, o Espírito Santo, no testemunho de Estêvão, foi igualmente rejeitado.

Com este evento, a pregação do Evangelho do Reino cessou. Um outro Evangelho foi anunciado. O Senhor deu-o ao grande apóstolo, Paulo, a quem Ele mesmo chamou. E Paulo chama este Evangelho de "meu Evangelho". É o Evangelho da livre graça de Deus, o Evangelho de um Senhor ressurreto e glorificado. O mistério da Igreja foi revelado a Paulo e é parte deste bendito Evangelho, pelo qual, cada pecador que crê, seja judeu ou gentio, é batizado em um Espírito, formando um corpo. Este batismo se deu no dia de Pentecoste.

O Evangelho da Graça declara que todos quantos creem em nosso Senhor Jesus Cristo são vivificados juntamente com Ele, ressuscitados e assentados com Ele nos lugares celestiais; que eles são filhos e herdeiros de Deus e co-herdeiros com o Senhor Jesus Cristo. Este, então é o Evangelho da Graça. Esta oferta maravilhosa estende-se agora

a todas as nações do mundo, para que a Noiva do Senhor Jesus Cristo possa ser formada. Teve um começo definido; terá também um fim definido. Quando aquele corpo, a Igreja, estiver completo, será removido deste mundo, da maneira revelada em 1 Tessalonicenses 4.16-17 e, com isto, a pregação do Evangelho da Graça cessará, porque o propósito pelo qual Deus o mandou pregar estará cumprido.

Durante o tempo em que a aproximação do Reino foi pregada, não se ouviu o Evangelho da Graça e, enquanto o Evangelho da Graça está sendo anunciado, não se ouve o Evangelho do Reino. Mas, assim que o Evangelho da Graça tenha cumprido a sua missão e não seja mais ouvido, as boas novas do Reino serão novamente pregadas.

Assim que a Igreja deixar esta cena terrestre e começar o fim da era, o Evangelho da Graça não será mais ouvido; mas antes que os céus, silenciosos durante tantos e tantos séculos, se abram outra vez para revelar o Rei que virá para exercer juízo e governar o mundo em justiça, soará novamente a todas as nações o Evangelho do Reino. Sob os sinais solenes do encerramento da era judaica, será mundialmente proclamado: *"Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu e a terra, e o mar, e as fontes das águas"*. O Reino está próximo. Arrependei-vos!

E quem serão os pregadores deste último testemunho, os missionários que alcançarão todas as nações com esta mensagem final, antes que o Rei apareça em juízo? Será um remanescente fiel de israelitas. Deus, em Sua maravilhosa graça, começará uma obra entre o Seu povo terrestre, Israel. O Espírito Santo, que reside na Igreja, enquanto ela está sendo formada, terá cumprido a Sua missão quando o corpo estiver completo e não estará mais presente na terra como está agora. Estará, porém, trabalhando ainda e isto da mesma maneira como trabalhava no Velho Testamento.

O Espírito virá sobre um remanescente de crentes da nação israelita que durante tanto tempo permaneceu na cegueira. Estes reiniciarão a pregação do Evangelho do Reino a todas as nações e, sem dúvida, sobre eles repousará poder especial para poderem fazer tal serviço.

É fácil de se notar quão bem este povo está preparado para isto. Agora eles estão espalhados entre todas as nações. Compreendem os idiomas dessas nações e estão ambientados em todos os climas. Quando a Igreja não mais estiver aqui, Deus, em Sua misericórdia, voltar-se-á novamente para o Seu povo e a cegueira de uma parte deles será tirada e o Espírito de Deus virá sobre eles. Acreditamos que este remanescente será composto provavelmente por hebreus, tais como aqueles que atualmente ainda se mantêm fiéis à esperança messiânica de um futuro libertador, que estão observando a lei e o testemunho, que

creem firmemente nas profecias do Velho Testamento. Centenas de milhares, porém, já têm abandonado a sua fé na Palavra e nas promessas de Deus.

Tal remanescente, segundo a eleição da graça (Romanos 11), será chamado e usado como o grande arauto para anunciar a todas as nações os grandes acontecimentos futuros. Que pregadores serão!

E agora, antes de meditarmos no propósito desta pregação, e a quem irão, e que êxito alcançarão, temos de seguir o argumento apresentado no início da exposição deste capítulo. Lembramos ao leitor a nossa afirmação de que, considerando serem estas predições de nosso Senhor referentes ao fim da era, temos de estar capacitados a descobrir tudo o de que aqui se fala, tanto no Velho Testamento, quanto naquela parte do livro do Apocalipse que trata das coisas que hão de vir depois de encerrada a história da Igreja sobre a terra (capítulos 6 a 19).

Já descobrimos a notável semelhança existente entre as predições do Velho Testamento concernentes ao tempo de aflição no fim da era, as predições do Senhor e os selos do Apocalipse.

Existe, porventura, uma semelhante concordância a respeito do testemunho de um remanescente do povo terrestre de Deus? Tem o Velho Testamento alguma coisa a dizer sobre isto? Encontramos algo mencionado no Apocalipse sobre um tal remanescente? Tanto a profecia do Velho Testamento quanto o livro do Apocalipse nos dão os mais interessantes esclarecimentos quanto a este remanescente, o testemunho que eles darão, os sofrimentos e as perseguições que terão de suportar e a sua libertação final.

O Velho Testamento está cheio de predições e descrições deste remanescente. De fato, é quase impossível compreender-se profecia relacionada às coisas futuras se não se levar em conta este remanescente, que é tão proeminente na história previamente escrita do fim da era. Nessas previsões o livro dos Salmos é particularmente rico. As grandes orações, os clamores a Deus por libertação e os rogos a Deus para destruir os inimigos são todas descrições proféticas de como um remanescente fiel do povo terrestre de Deus passará por aquele tempo de tribulação e como será libertado. Nestas grandes orações e clamores a Deus por interferência, tanto a parte ímpia da nação como os gentios são mencionados, numa demonstração de como estão no meio deles, dando o seu testemunho. Seria impossível mostrar todas as passagens do Velho Testamento que falam deste remanescente futuro. Em quase todos os profetas encontramos referências a ele e às palavras proferidas por Deus para encorajá-los e confortá-los.

Examinando o livro do Apocalipse, achamos uma confirmação muito impressionante deste fato. Vemos que, ao ser aberto o sexto selo, houve um grande transtorno. A anarquia imperou desenfreadamente e

todos os governos fortes da terra foram abalados e a rebelião se estendeu por todo o globo. Antes de ser aberto o sétimo selo pelo Senhor, lemos de algo diferente. O sétimo capítulo do Apocalipse é um parêntese. A primeira parte dele nos conta que, no começo destes acontecimentos terríveis, uma companhia de 144.000 será selada. Quem é esta companhia?

A interpretação que faz destes 144.000 um grupo de crentes cristãos é das mais fantásticas; pior do que isso, é uma interpretação nociva. A teoria do arrebatamento das "primícias" não tem fundamento algum nas Escrituras e ataca de um modo muito astuto a graça de Deus, pois torna o homem digno de entrar na presença do Senhor mediante os seus feitos, experiências, sofrimentos e outros meios. Temos ouvido repetidamente tal ensino que diz serem os 144.000 de Apocalipse 7, uma companhia de crentes "santificados" (como se houvesse crentes santificados e não santificados). Grupos de pessoas em todo o mundo declaram-se parte da "esposa eleita", parte desses 144.000 e não poucos deles mantêm ideias extremamente fanáticas.

A Palavra de Deus é tão clara que é quase impossível acreditar que qualquer pessoa inteligente possa deixar de ver quem são estes 144.000. O Espírito de Deus nos diz que são *"de todas as tribos dos filhos de Israel"*. Crentes cristãos não pertencem às doze tribos de Israel; ainda mais, se estes 144.000 fizessem parte da Igreja, se fossem primícias, os capítulos 2 a 5 do Apocalipse, em especial, seriam muito difíceis de explicar e a divisão do livro, divinamente dada, seria anulada. Os 144.000, pois, são literalmente israelitas e estes constituem o remanescente do povo terrestre de Deus, os pregadores do Evangelho do Reino durante a Grande Tribulação.

Na segunda parte do capítulo 7 de Apocalipse, lemos de uma inumerável multidão de pessoas de todas as nações, que vieram da grande tribulação e que estão em pé diante do trono de Deus. Esta multidão não é a Igreja, porque a Igreja não vem "da grande tribulação", nem ficam os santos da Igreja em pé diante do trono, mas estão assentados sobre tronos na presença do trono de Deus (Apocalipse, capítulo 4). Esta grande multidão são os que ouviram o último testemunho de Deus durante o fim da era, a pregação do Evangelho do Reino, e que creram na mensagem e foram salvos; vemo-los na presença do trono de Deus, bem como a sua posição milenar de bênção na terra. Essa multidão é o abençoado resultado da pregação feita pelo remanescente de Israel.

Contudo, é preciso que se diga que aqueles a quem foi apresentado o Evangelho da Graça e rejeitaram a oferta graciosa de Deus, continuando na apostasia, não terão outra oportunidade para aceitar o Evangelho do Reino. 2 Tessalonicenses 2.10-12 revela o fim de todos



quantos rejeitam Cristo e o Evangelho, embora confessando-se cristãos. Mas as nações da África, China, Índia e das ilhas do mar ouvirão e aceitarão o Evangelho do Reino e alegremente receberão estes mensageiros, aos quais o Senhor chama "*estes Meus pequeninos irmãos*" (Mateus 25.31). Assim, durante o fim, antes de chegar aquele grande e terrível dia do Senhor, a graça de Deus ainda será manifestada.

O próximo versículo nos leva ao meio da semana, à Grande Tribulação, e teremos de recorrer ao profeta Daniel e ao capítulo 13 de Apocalipse para confirmar, com clareza ainda maior, o fato de que o nosso Senhor Se refere, nestas predições, ao fim da era judaica.

Temos aprendido que os acontecimentos preditos pelo Senhor até o versículo 14 se realizam no começo do fim da era judaica, os sete anos proféticos; no verso 15 chegamos ao meio deste período; três anos e meio se têm passado e a segunda parte, com seus terríveis acontecimentos, culminando com a manifestação pessoal e visível do Filho do homem, vindo dos céus, é agora descrita.

Na segunda metade destes sete anos, os últimos 1.260 dias, a Grande Tribulação, o tempo da aflição de Jacó, é plenamente exposta. Veremos, à medida que prosseguimos, que não somente é certa a interpretação que apresentamos para este capítulo, mas que não há outra interpretação possível. Todas as exposições que exigem o cumprimento destas palavras do Senhor no passado, ou que aplicam estes acontecimentos no período da Igreja, têm que ser rejeitadas por serem incorretas. Leiamos as palavras de nosso Senhor, começando no versículo 15:

*"Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias. Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque neste tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados" (versículos 15 a 22).*

Nosso Senhor nos dá uma sugestão importantíssima sobre o que Ele pretende dizer com estas palavras, ao mencionar o profeta Daniel. Ainda mais, o Espírito Santo acrescenta uma exortação que chama especial atenção à referência do Senhor a Daniel, o profeta. O Espírito Santo diz: "*Quem lê, entenda*", ou, como poderia ser traduzido: "*Considere, a fim de entender*". Não nos convém, portanto, passar apressadamente por cima destas palavras de nosso Senhor, para as quais o Espírito Santo, o grande Intérprete da Palavra de Deus, chama

a nossa atenção especial, querendo que nós as consideremos e compreendamos plenamente.

Por isso, é necessário voltar primeiramente ao profeta Daniel. Será que ele menciona qualquer coisa nas suas grandes profecias a respeito de uma abominação futura e onde acaharemos estas passagens? Menciona sim, em três lugares.

*"Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada se derrame sobre ele"* (Daniel 9.27).

*"Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício consumado, estabelecendo a abominação desoladora"* (Daniel 11.31).

*"Depois do tempo em que o costumado sacrifício for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias"* (Daniel 12.11).

Não pode haver dúvida de que o Senhor se refere a estas três passagens de Daniel e é desta abominação mencionada nas passagens supra referidas que Ele fala. Estes versículos de Daniel se referem ao mesmo período de tempo; um período de três anos e meio. O mesmo espaço de tempo é mencionado em Daniel 7.25: *"Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade dum tempo"* (Daniel 12.7). Isto é novamente mencionado em Daniel 12.7: *"Que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão"*. Mais tarde, nesta exposição, descobriremos o mesmo período de tempo no livro do Apocalipse.

Não é nosso propósito tratar amplamente das grandes profecias de Daniel. Isso nos obrigaria a alongar demais a nossa exposição. A passagem mais curta das três que citamos é a do capítulo 9. Como as outras (Daniel 11.31 e 12.11) tratam do mesmo período, não vamos considerá-las.

O nono capítulo deste livro profético contém a oração de Daniel e a resposta maravilhosa que ele recebeu. Ele estava meditando na Palavra de Deus que veio a Jeremias, o profeta, quando voltou-se para o Senhor em oração. Parece-nos que esta é a melhor maneira de chegarmos a Deus em oração. Primeiramente, comunhão com Deus através da Sua Palavra escrita, Sua revelação, para então buscar a Sua face. Em sua oração, ele estava ocupado com os anos de cativo. O homem Gabriel apareceu, voando rapidamente para assegurar-lhe que ele era muito amado e para dar-lhe a resposta à sua súplica. A resposta é uma

revelação referente a setenta anos-semana, isto é, sete vezes setenta, um período de tempo que havia de vir.

Supomos que o nosso leitor já esteja livre daquela interpretação superficial e errônea que considera o trecho de Daniel 9.24-27 já completamente cumprido com a morte do Messias e a destruição de Jerusalém por Tito. É de admirar que a divisão clara destas setenta semanas tenha sido tão ignorada. O versículo 24 de Daniel 9 é a profecia apresentada de um modo geral: *"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos"*.

Setenta "setes", como está na língua hebraica, dão quatrocentos e noventa. Este período de tempo está determinado, assim declarou Gabriel, ao povo de Israel e de Jerusalém, e no término dele virá a bênção completa de Israel; a justiça eterna, sem dúvida, se refere à era do reino, ou seja, ao Milênio. Assim, é dada, de um modo geral, a profecia toda dos setenta "anos-semanas" e do que acontecerá ao povo de Israel e a Jerusalém durante e ao fim dos mesmos.

Porém, à medida que prosseguimos na leitura, encontramos uma divisão nestas setenta semanas: primeiramente, *sete semanas*; em segundo lugar, *sessenta e duas semanas*; em terceiro lugar, *uma semana*. Que significa esta divisão? Não nos é dado lugar para especulação, pois a Palavra de Deus a esclarece: *"Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as pragas e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas"* (versículos 25-26).

As primeiras sete semanas, isto é, 49 anos, são o período de tempo que transcorreu desde que foi dada a ordem para reedificar Jerusalém e os seus muros até a conclusão desse trabalho. A ordem para restaurar e reedificar Jerusalém foi dada a Neemias por Artaxerxes, no ano vigésimo do seu reinado.

As 62 semanas são o período de tempo decorrido desde a restauração completa da cidade e dos muros, até que o Messias tenha sido cortado — isto é, até à morte de Cristo — nada restando para Ele. Seu próprio povo O rejeitou e, em consequência desta rejeição, a cidade e o santuário foram destruídos pelo povo do príncipe que havia de vir. Guerras e desolações, perseguições e aflições, sangue e sofrimentos, seriam a porção do povo judaico desde a rejeição do Messias; esta

profecia narrada não somente aqui, mas através de toda a Palavra profética, vem sendo solenemente cumprida por quase dois mil anos.

Opovo que destruiu a cidade e o santuário foi o povo romano. Mas temos ainda uma semana. Desta última semana lemos no último versículo do capítulo 9 de Daniel, o versículo no qual a abominação é mencionada, e para a qual o Senhor e o Espírito Santo chamam a nossa atenção. Esta semana (ou estes sete anos) é o fim. É uma semana, um período de tempo ainda futuro. Na sexagésima nona semana, o Messias foi cortado e nada teve. O Seu povo O havia rejeitado, como também a Sua oferta do Reino.

Segue-se um período indeterminado, durante o qual os judeus são desterrados, espalhados por todos os cantos da terra, e Jerusalém é pisada pelos gentios. Tal período é esta era que nós estamos vivendo, na qual é pregada a oferta graciosa de Deus de salvação plena e gratuita, para tirar dentre todas as nações um povo para o Seu Nome (a Igreja). Quanto falta para chegarmos ao fim deste período é coisa que ninguém sabe, mas, quando terminar, então a história dos judeus, do ponto de vista profético, será reiniciada; a era judaica terminará e será seguida pelo Reino, ou a era milenal, quando entrará a justiça eterna.

Que vai acontecer naquela última semana, nos sete anos vindouros, naquele mesmo tempo mencionado na pergunta dos discípulos quando indagaram sobre "o fim da era", que o Senhor descreve nesta parte do Seu discurso? Uma vez mais afirmamos: Parece estranho que tantos homens instruídos possam ser tão superficiais ao expor a Palavra de Deus. Quão verdadeiro é que muitas destas coisas são ocultas aos *"sábios e entendidos e reveladas aos pequeninos"*.

Muitos não somente deixam de observar a divisão das semanas como estão no texto, mas também não distinguem entre os dois príncipes mencionados nestes versículos. Um príncipe é o Messias; o outro é uma imitação, é um príncipe falso. É afirmado, pelos que interpretam erroneamente esta passagem, que o príncipe que firmará o concerto com muitos, por uma semana, é Cristo.

Mas o príncipe ali mencionado não é o Messias e, sim, *"o príncipe que há de vir"*. É aquele líder ímpio do Império Romano, na sua última e renovada forma, do qual lemos em várias partes da profecia. O poder romano tinha vindo sobre a ira, tinha destruído Jerusalém e tinha queimado o templo. Isto foi afirmado profeticamente no versículo 26; porém este versículo não diz que "o príncipe virá para destruir a cidade" e, sim, que aquilo seria feito pelo povo do príncipe *"que há de vir"*.

Em outras palavras, o poder romano destruiu a cidade e daquele mesmo poder há de vir um príncipe, no futuro. Até agora, este príncipe ainda não tem aparecido. Quando vier, ele será líder da confederação das nações que ocupam o território do Império Romano; será um

homem poderoso, controlado e inspirado por Satanás. Talvez Napoleão I seja a melhor fotografia que este mundo já tem visto deste príncipe que há de vir. Seria muito interessante seguir tudo isto detalhadamente, mas não estamos escrevendo sobre Daniel, e nem escrevendo sobre o príncipe falso e o anticristo, mas sobre Mateus 24 e, por isso, somente podemos acrescentar os fatos mais simples, de modo a esclarecer o quanto possível este capítulo.

Quando este príncipe, o líder do renovado Império Romano, aparecer, fará uma aliança com os judeus. Sua aliança será por uma semana, isto é, por sete anos. É interessante notar que o concerto é firmado com "*muitos*", não com todos, porque o remanescente fiel de judeus conhecerá a verdadeira personalidade deste príncipe ímpio e se recusará a entrar naquele concerto. O que há de ser esta aliança é coisa que não vamos estudar agora; basta dizer que será, sem dúvida, de natureza política e se relacionará com o reestabelecimento dos judeus na Palestina, a reconstrução do templo e a instituição do seu culto por sacrifícios.

O sionismo, o grande movimento de restauração dos judeus incrédulos, lança abundância de luz sobre estes acontecimentos futuros. Se os Sionistas estavam prontos a aclamar o próprio Sultão como seu libertador, desde que ele lhes permitisse realizar o seu programa, quanto mais dispostos estarão a aceitar um acordo com aquele príncipe poderoso que há de vir!

Este concerto será efetuado no começo da semana (sete anos) e tudo correrá bem por algum tempo. Porém, no meio da semana ele se desmascarará e, em associação com aquele outro ímpio, o homem do pecado, o filho da perdição, o Anticristo, desfará o concerto e fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares. Em seu lugar estabelecerá a abominação (Daniel 11.31).

Que é esta abominação? Será a adoração idólatra. O décimo terceiro capítulo do livro de Apocalipse nos fornece mais luz sobre esta abominação dos últimos três anos e meio. Recorreremos sem demora a este capítulo. Contudo, antes de o fazermos, queremos afirmar que, em nosso entender, o argumento está completo.

As setenta semanas tratam exclusivamente de Israel. As primeiras semanas, as sessenta e duas semanas e também a última, a septuagésima. É impossível encontrar um lugar para a Igreja nesta profecia! O lugar dela está no período não contado entre a sexagésima nona e a septuagésima semana, e este período não pertence à última semana, nem tampouco uma parte dela está incluída nesse período.

E agora examinaremos cuidadosamente o que o livro de Apocalipse diz sobre este assunto. Temos afirmado, no início de nossa exposição, que, se as palavras do Senhor se referem a acontecimentos futuros do

definitivamente marcado fim da era, então as profecias do Velho Testamento sobre o assunto, as palavras do Senhor e o livro de Apocalipse têm de estar em completa harmonia. Temos notado quão perfeitamente isto acontece até o versículo 15 e agora temos uma prova ainda mais impressionante.

O capítulo 13 do Apocalipse corresponde, em parte, ao meio da semana. A segunda parte dos sete anos e os acontecimentos desenrolados no solo judaico, em Jerusalém, são descritos aqui. Temos aqui os 1.260 dias, isto é, os três anos e meio. No capítulo 12, Satanás é expulso do céu e atirado para a terra, e os céus pronunciam um ai sobre os habitantes da terra, pois Satanás cai e está com grande ira por ter apenas pouco tempo. Quando a Igreja for recebida na glória é que Satanás será expulso. Ele descera e, vendo que a Igreja partiu desta cena terrestre, em sua grande ira começará sua obra terrível.

O capítulo 13 do Apocalipse é a duplicata perfeita das profecias de Daniel; mesmo um principiante no estudo da profecia pode notar este fato. Duas bestas são vistas neste capítulo. A primeira sobe do mar, que tipifica as nações. A segunda sobe da terra e tem dois chifres semelhantes aos do cordeiro, mas fala como dragão. A primeira é *"o príncipe que há de vir"*, o ímpio líder do renovado Império Romano; a segunda é o falso Messias, o Anticristo, que imita o Cristo verdadeiro.

O que acontecerá então é claramente narrado em Apocalipse 13.12-18. Ali lemos sobre uma imagem: *"E lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que, não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta"*. Isto, sem dúvida, será a abominação, uma imagem adorada, como também a segunda besta, que *"se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de se assentar no santuário de Deus [não em Roma, mas em Jerusalém], ostentando-se como se fosse o próprio Deus"* (2 Tessalonicenses 2.4). Isto é a abominação que ocorre na segunda parte da septuagésima semana.

O resultado desta abominação, a revelação do poder de Satanás sobre a terra, será a Grande Tribulação, fato este plenamente comprovado pelo capítulo 13 do Apocalipse. Era a isto que nosso Senhor se referia quando disse: *"Porque neste tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem jamais haverá"*. E em Daniel também lemos desta tribulação: *"E haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação"* (12.1). O contexto mostra que isto será neste mesmo tempo do qual o Senhor fala, imediatamente antes da Sua vinda pessoal, visível e gloriosa.

As palavras que o Senhor profere, concernentes àqueles que estarão na terra, mostram claramente que eles não são os santos da

Igreja. Estão na Judeia e são aconselhados a fugir para os montes; uma prefiguração disto foi visto na destruição de Jerusalém por Tito. São aconselhados a orar para que a fuga não se dê no sábado; são chamados "os *eleitos*", termo que neste (capítulo, bem como nos evangelhos, sempre significa o Seu povo terrestre; nas Epístolas a palavra "*eleito*" sempre significa a Igreja.

As próximas palavras do Senhor no Seu discurso contêm avisos.

*"Então se alguém disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Porquanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto! não saiais. Ei-lo no interior da casa! não acrediteis. Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem"* (versículos 23 a 27).

Enganadores têm aparecido de quando em quando durante esta era, dizendo-se, como Simão, o mágico, "*grandes personagens*". Sem dúvida, muitos destes maus e fanáticos líderes eram e são inspirados por Satanás. Vemos muitas destas pessoas iludidas em nossos dias; o poder do mal semelhantemente manifesta os seus sinais e maravilhas mentirosas até um certo ponto, enquanto um outro sistema religioso afirma que o Senhor Jesus Cristo veio de um modo secreto em 1874. Mas tudo isto não é o cumprimento das palavras faladas pelo Senhor. O cumprimento virá na Grande Tribulação.

Sobre a segunda besta que imita um cordeiro, mas fala como dragão, está escrito: "*Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta*" (Apocalipse 13.13-14). Isto corresponde àquela passagem de 2 Tessalonicenses 2, que citamos acima. O falso cristo, com seus sinais e prodígios de mentira e forte sedução, enganará a todos quantos não crerem na verdade, antes tiveram prazer na iniquidade.

Não somente a parte apóstata do povo judeu será enganada por estes prodígios de mentira, mas também a parte apóstata da cristandade, que será deixada na terra por ocasião do arrebatamento da Igreja será enganada e assolada pelos grandes juízos daquele dia vindouro. Estes avisos são de grande importância e valor para o remanescente fiel dos judeus, vivendo naqueles dias. A eles o Senhor diz que a Sua vinda não será de um modo secreto, mas aberta, vista por todos, como um relâmpago. Será uma vinda repentina e assustadora; como o relâmpago resplandece nos céus escuros e se lança à terra, assim será o aparecimento do Filho do homem.

Não é necessário dizer que esta vinda como relâmpago é completamente distinta da Sua vinda para os Seus. Depois o Senhor

acrescenta uma palavra significativa: *"Onde estiver o cadáver, aí se juntarão os abutres"* (versículo 28).

A interpretação que vê nos abutres uma figura da Igreja, ou uma certa classe de "crentes adiantados" é tão fraca e fantástica que não achamos necessário falar dela.

O cadáver tipifica a corrupção e representa aqui a parte descrente do povo judeu, aquela parte que seguirá a Besta. Os abutres simbolizam os juízos. Nos próximos versículos, a vinda do Filho do homem em poder e grande glória é revelada por Ele mesmo. Mais uma vez temos de voltar ao Velho Testamento e ao livro de Apocalipse para constatar novamente a perfeita harmonia que há entre eles.

*"Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clamor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus"* (versículos 29 a 31).

Não é necessário chamar a atenção para a interpretação errada deste trecho que, pelo método de espiritualizar, considera já cumpridas estas palavras na destruição de Jerusalém. O que temos aprendido na exposição desta parte do discurso do Monte das Oliveiras demonstra a impossibilidade de uma tal aplicação e interpretação. É ridículo dizer que o Senhor falou estas palavras acerca de Sua manifestação visível, mas que não se referia a uma volta literal e sim, à destruição de Jerusalém. O contexto prova que o evento não poderia ter acontecido na ocasião da destruição da cidade.

O que estas palavras do Senhor nos apresentam é o grande clímax do fim, a aparição do Filho do homem. Isto acontecerá imediatamente depois da aflição daqueles dias; aquela tribulação, como vimos, é ainda futura e terá como centro Jerusalém, embora todo o mundo tenha parte nela. E agora precisamos voltar ainda outra vez à palavra de profecia do Velho Testamento. Encontramos ali qualquer coisa prometida que corresponda a esta predita vinda invisível e gloriosa do Filho do homem? E se encontramos no Velho Testamento profecias que correspondem a estas palavras, em que contexto as achamos?

Achamos, de fato, no Velho Testamento, numerosas predições justamente sobre o evento do qual o Senhor fala aqui e uma cuidadosa investigação mostrará que essas predições do Velho Testamento e a predição do nosso Senhor estão em completa harmonia.

A primeira passagem que desejamos mencionar é a profecia do último capítulo de Joel. *"O sol e a lua se escurecem e as estrelas retiram o seu esplendor"* (Joel 3.15). Joel é um dos primeiros profetas. Ao



mesmo tempo que ele anuncia e fala sobre um grande julgamento, a praga dos gafanhotos que veio sobre o povo de Israel e sobre a sua terra, sua profecia aponta para o grande cumprimento futuro no "*Yom Jehovah*", o dia do Senhor.

O terceiro capítulo contém uma das grandes profecias daquele dia futuro e dos eventos a ele relacionados. O verso que citamos dá os sinais físicos e os versos que seguem mostram que o Senhor será manifestado em Sua glória, no meio destas maravilhas, nos céus. Os profetas que profetizam depois de Joel têm, quase todos, visões daquele dia.

Apresentamos mais algumas escrituras para provar isto: "*Quando eu te extinguir, cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem e a lua não resplandecerá sua luz. Por sua causa vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu e trarei trevas sobre o teu país, diz o Senhor Deus*" (Ezequiel 32.7-8). Aqui está a proclamação do dia como virá sobre o Egito e as nações. Outra profecia do dia da manifestação do Senhor se encontra em Isaías 13.9-10: "*Eis que vem o dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores. Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol logo ao nascer se escurecerá e a lua não fará resplandecer a sua luz*".

É desnecessário apresentarmos outras citações dos livros proféticos e dos Salmos. O dia do Senhor é anunciado em muitas passagens. É sempre visto em relação com grandes aflições na terra, tribulação para o Seu povo terrestre, culminando com estes surpreendentes sinais físicos: céus escurecidos, tremores de terra e a manifestação da Glória do Senhor.' Este é o evento do qual o Senhor fala em Mateus 24.29.

Não haverá, porém, somente sinais físicos, mas alguma coisa mais acontecerá. O sinal do Filho do homem aparecerá no céu. Isto será seguido pela lamentação das tribos e então o Filho do homem virá nas nuvens com poder e grande glória.

Qual é o sinal do Filho do homem? Acreditamos que seja a nuvem "Shekinah". Era uma nuvem que encobria a Sua forma quando Ele, antigamente, permanecia com Israel. Foi uma nuvem que O recebeu, ocultando-O do olhar dos Seus discípulos. Uma nuvem terá que trazê-LO de volta. No final amargo da grande tribulação, quando Seu remanescente fiel estiver duramente apertado por todos os lados, quando eles clamarem a Deus para que os céus se abram e Ele desça, cremos que será vista no céu uma nuvem clara e luminosa, da qual um fogo brilhará.

Bem poderá o remanescente fiel de judeus exclamar: "Eis que este é o nosso Deus, em Quem esperávamos, e Ele nos salvará; este é o

Senhor, a Quem aguardávamos". O Seu eleito povo terrestre, aqueles que não têm sido assolados durante a Grande Tribulação, *"todo o Israel"* de Romanos 11.26, saberão o que significa aquela nuvem. Jeová vem para se manifestar. Aquilo que os Seus profetas viram e predisseram, está, enfim, para ser cumprido. O dia de Jeová está para raiar; o Senhor, seu Rei, vem!

A consequência disto será uma lamentação nacional. Não se deve pensar, nem por um momento, que todas as tribos terão que estar na terra. O sinal do Filho do homem aparecerá nos céus e será visto em todos os continentes. *"Todas as tribos da terra"* significa simplesmente que as pessoas que lamentam pertencem a todas as tribos de Israel. Isto também é predito no Velho Testamento. *"Olharão para Mim, a Quem transpassaram, prantea-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito"* (Zacarias 12.10). Mas aquele sinal do Filho do homem não tardará muito nos céus.

Ele mesmo virá nas nuvens do céu em poder e grande glória. A promessa dada pelos dois seres por ocasião da ascensão do Senhor está para ser cumprida. *"Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como O vistes subir"*. Ele ascendeu às alturas e predisse este acontecimento ao pronunciar as palavras do discurso das Oliveiras.

E isto também se acha na palavra profética do Velho Testamento. *"Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem"* (Daniel 7.13). Isto acontecerá depois de ter aparecido a Bsta que tem as dez pontas e a ponta pequena, com os olhos como os de homem e a boca falando grandes coisas.

Tudo isto se refere ao fim da era judaica. A ponta pequena é a mesma pessoa ímpia que é vista em outras partes desta profecia. É então (e não antes) quando a ponta pequena está existindo, que Daniel vê o Ancião de dias e a vinda do Filho do homem nas nuvens do céu, a fim de receber o Reino. Que unidade maravilhosa e divina as Escrituras apresentam!

Se nos voltarmos brevemente para o livro do Apocalipse, acharemos novamente uma confirmação mais minuciosa destes eventos relatados. É um livro que na sua maior parte se ocupa com a descrição da tribulação, juízos e demais acontecimentos da última semana de Daniel, os últimos sete anos com os quais a era termina. Por isso, achamos, bem no começo do livro, um anúncio solene que se harmoniza perfeitamente com as palavras que temos perante nós. *"Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O transpassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Certamente. Amém"* (Apocalipse 1.7).

Nenhum comentário adicional é necessário para mostrar quão perfeitamente estas palavras confirmam tanto as predições do Velho Testamento como as do Senhor. Esta impressionante harmonia não devia nos parecer muito estranha, pois Aquele que falou no Monte das Oliveiras é o mesmo que falou através dos profetas e o último livro é *"a revelação de Jesus Cristo"*, que Deus Lhe deu.

Para uma descrição mais ampla da Sua vinda, o leitor poderá ler Apocalipse 19.11-16.

Olhemos, agora, para as próximas palavras. *"E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos dos quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus"*. Mais uma vez, os anjos aparecem em cena. Durante esta presente dispensação, os anjos, como espíritos ministradores, não são vistos; mas que eles ministram é certamente um fato. Porém, tão logo Ele volte, tendo sido feito um pouco menor do que os anjos, mas que na glória está acima deles, estes anjos serão enviados novamente. Quando Ele nasceu em Belém, os anjos apareceram com o seu canto celestial de louvor; quando Ele vier outra vez, os santos anjos acompanharão o Cristo e a Sua Igreja e O adorarão (Hebreus 1.6). Também está escrito: *"Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do Seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus"* (2 Tessalonicenses 1.7-8). Igualmente, em Mateus 13, verificamos que os anjos são mencionados em relação ao fim da era, este mesmo fim que temos aqui.

*"Mandarà o Filho do homem os Seus anjos que ajuntarão do Seu reino todos os escândalos e os que praticam iniquidade"* (13.41); *"assim será na consumação do século: Sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos"* (13.49).

Em nossa passagem os anjos tocam uma trombeta e saem para ajuntar os Seus eleitos desde os quatro ventos. Novamente dizemos que isto nada tem a ver com a Igreja. A remoção da Igreja se dá antes do início da última semana da profecia de Daniel e, quando o Senhor vier, imediatamente depois dos dias de tribulação, a Igreja estará com Ele e em Sua glória será manifestada. Ele virá e trará os Seus santos consigo.

A revelação concernente à Sua vinda para a Igreja está registrada em 1 Tessalonicenses 4.15-18. A identificação dos eleitos de Mateus 24.31 com a Igreja, que tantas vezes é feita, é uma interpretação confusa e errônea. Esta parte do discurso das Oliveiras, como temos mostrado, nada tem a ver com a Igreja. Os *"eleitos"* neste capítulo sempre significam o Seu povo eleito terrestre, como já afirmamos anteriormente.

Os anjos os ajuntarão de volta a Sua terra, pois o povo na sua maioria ainda estará espalhado por toda parte da terra, quando o Filho do homem, o Rei de Israel, voltar. Disto o Velho Testamento testifica. *"Naquele dia se tocará uma grande trombeta e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito tornarão a vir, e adorarão ao Senhor no monte santo de Jerusalém"* (Isaiás 27.13). *"Naquele dia o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o restante do Seu povo que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia, de Elã, de Sinear, de Hamate e das terras do mar. Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra"* (Isaiás 11.11-12).

*"Portanto, eis que vem dias, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá: Tão certo como vive o Senhor que fez subir os filhos de Israel do Egito, mas: Tão certo como vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Norte, e de todas as terras para onde os tinha lançado. Pois Eu os farei voltar para a sua terra, que dei a seus pais. Eis que mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão; depois enviarei muitos caçadores, os quais caçarão de sobre todos os montes, de sobre todos os outeiros e até nas fendas das rochas"* (Jeremias 16.14-16). Este reajuntamento do remanescente de Israel, o povo que ficar depois da Grande Tribulação, acontecerá depois que o Senhor Se manifestar dos céus. Então as *"tribos perdidas"* serão descobertas e durante a era do Reino Deus cumprirá no Seu povo, a nação de Israel, todas as promessas preciosas das quais os Seus profetas falaram e que uma teoria falsa chamada "anglo-israelismo" entende terem realizado nesta atual era cristã.

O que vem a seguir são exortações e avisos solenes dados pelo Senhor, os quais formam uma conclusão sublime desta primeira parte do discurso do Monte das Oliveiras referente, como temos aprendido, ao fim da era judaica. Examinaremos ligeiramente cada versículo.

*"Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós; quando verdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas"* (versículos 32 e 33).

A figueira é a figura de Israel. A parábola da figueira em Lucas 13 é bem conhecida e sua aplicação a Israel, a quem o Senhor veio, procurando fruto, sem contudo achá-lo. Lucas 21, onde também encontramos o relato deste discurso, menciona a figueira e *"todas as árvores"*; estas são os gentios, as nações. Em Mateus 21 vemos na figueira murcha um tipo da morte nacional e espiritual de Israel. Porém aquela árvore murcha será vitalizada. A figueira brotará novamente. E a característica da figueira é que fruto e folhas aparecem juntos. Assim

que o galho se torna tenro, o fruto aparece. É um desenvolvimento rápido.

É esta a lição que temos aqui. A bênção de Israel, nova vida, fruto e glória, rapidamente serão realizados naqueles dias finais. Quando, nos últimos sete anos, e principalmente nos últimos 1.260 dias, todas estas coisas se cumprirem, eles saberão que tudo que foi cumprido a Israel está próximo. A outra aplicação, isto é, que agora vemos Israel como uma figueira brotando — vemos sinais de nova vida nacional e nisto um sinal dos tempos — certamente não é errada; fala-nos da proximidade do fim.

*"Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as Minhas palavras não passarão"* (versículos 34 e 35).

A má interpretação da palavra "*geração*" é responsável pela concepção errada, tão prevalecente nos nossos dias. Afirma-se que "*esta geração*" tem de significar aquela própria geração, as pessoas que viviam aqui na terra no tempo em que o Senhor falou estas palavras. Facilmente se vê que, se esta é a significação de "*esta geração*", os acontecimentos preditos pelo nosso Senhor deveriam ter-se cumprido durante o tempo em que o povo de então ainda vivia. Que outro acontecimento poderia ser, senão a destruição de Jerusalém no ano 70? Assim, a interpretação errônea destas duas palavras "*esta geração*", tem atrapalhado grande número de estudiosos da Bíblia e de leitores deste discurso.

Compreendamos, pois, o verdadeiro significado de "*geração*" e tudo ficará claro. A palavra "genea" não significa necessariamente as mesmas pessoas vivas, mas tem também o significado de "raça". A palavra portuguesa "geração" tem também este significado de "família" ou "raça" de certas classes de pessoas, como também o tem no grego. "*Esta geração*" é a raça descendente de Abraão, o povo terrestre escolhido por Deus. Com acerto, têm eles sido chamados de "*a nação eterna*" e, melhor ainda, poderíamos chamá-los de "*a nação do destino*".

Deus tem preservado esta raça e a está preservando para o cumprimento do Seu grande propósito já revelado. Entretanto, o verso significa também que as pessoas vivas, quando o fim da era judaica chegar, verão o seu término; tudo será realizado num curto espaço de tempo. Sim, os céus e a terra passarão, mas "*as Suas palavras não hão de passar*". Quão solene é este fato! Ainda lemos as grandes e poderosas palavras que eram odiadas por milhares de inimigos de Deus no passado; palavras que têm sido atacadas e negadas. E o velho inimigo da Palavra escrita continua em atividade e, através dos seus instrumentos escolhidos (infelizmente, muitos deles no meio da Igreja professa), ataca e menospreza estas palavras. Mas elas permanecem

firmes! São tão eternas e divinas, tão infalíveis e verdadeiras, quanto Ele, o eterno Filho de Deus, cujos lábios as pronunciaram.

*"Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai"* (versículo 36).

Isto torna o assunto mais solene ainda. Aquele dia e hora que introduzirá estes grandes acontecimentos dos quais o Senhor fala em Seu discurso, culminando com a Sua própria e gloriosa manifestação, é desconhecido. No evangelho de Marcos, o Espírito Santo acrescenta: *"Nem o Filho"*. Essa adição é feita em Marcos porque nele o nosso Senhor é visto como o Servo de Deus e o Servo *"não sabe o que o seu senhor faz"*. O Pai sabe o dia e a hora quando tudo isso acontecerá. O começo pode ocorrer a qualquer momento. Quão tolo é, então, especular sobre a possível ocasião da volta de nosso Senhor — e fixar anos e dias. Isto desonra a Palavra e traz reprovação sobre a Profecia.

*"Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também na vinda do Filho do homem. Então dois estarão no campo, um será tomado e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada e deixada a outra. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor"* (versículos 37 a 42).

A introdução de Noé e do dilúvio está em pleno acordo com o capítulo todo. Noé viveu no término de uma era e foi salvo, juntamente com a sua casa, de um grande julgamento, tornando-se, então, o iniciador de uma nova era. Que isto é típico do remanescente de Israel vivendo no fim da era judaica é bem conhecido. Assim como a era de Noé terminou com um dilúvio, também a era judaica terminará com um julgamento. O julgamento veio repentinamente sobre a geração ímpia dos dias de Noé; assim será também quando o Filho do homem vier.

Duas classes viviam nos dias de Noé. Uma descrente, e esta foi assolada pelo julgamento divino; a outra, constituída por Noé e sua casa, foi deixada, sem ser destruída pelo julgamento. Assim será novamente na vinda do Filho do homem. Os descrentes serão tomados no dia do julgamento e ira; os outros serão deixados na terra para receber e gozar das bênçãos da era vindoura e para entrar no reino, que será então estabelecido.

Aqui o significado *de "tomados" e "deixados"* é o oposto de quando o Senhor vier como o *"Noivo"* para buscar a Sua Igreja. Naquela ocasião, também alguns serão levados e outros, deixados. Os verdadeiros crentes serão levados à glória, arrebatados nas nuvens para o encontro com Ele nos ares; os descrentes e meros professos serão deixados.

Alguns negam que a palavra "tomados", em nossa passagem, significa um arrebatamento judicial. O contexto, entretanto, (a referência a Noé e ao dilúvio) mostra que este deve ser o significado. Por certo, aqueles que foram levados pelo dilúvio não foram "recebidos em glória".

E, mais uma vez, Sua voz de advertência se faz ouvir:

*"Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá"* (versículos 43 e 44).

Com estas palavras de aviso e exortação à vigilância, nosso Senhor termina as predições referentes ao fim da era judaica. Este aviso será compreendido e atendido pelo remanescente judaico, ao qual é dirigido. Eles terão que vigiar pela vinda do Filho do homem; a Igreja tem que esperar pelo seu Senhor.

Uma nova parte do sermão das Oliveiras começa no verso seguinte, com a primeira de três parábolas referentes à Sua vinda. Veremos isto de modo muito mais claro e distinto e provaremos, em seguida, que esta parte, de 24.45 a 25.30, não mais se refere aos eventos que transcorrerão na terra durante o fim da era judaica, mas a alguma coisa completamente diferente.

.oOo.

## SEGUNDA PARTE

### Mateus 24.45-51; 25.1-30

#### A era cristã

**A segunda parte do sermão do Monte das Oliveiras** começa no versículo 45 deste grande capítulo e se estende até 25.30. O conteúdo desta divisão é completamente diferente do anterior. Até o versículo quarenta e quatro, vimos que o Senhor faz predições referentes ao fim

da era judaica, um fim que ainda está para vir. Descobrimos também todas estas predições no Velho Testamento e no grande livro de profecia do Novo Testamento, o livro do Apocalipse. Achamos a mais perfeita correspondência entre Mateus 24.3-44, certas partes do Velho Testamento e o livro do Apocalipse, porque todos os três tratam do mesmo período de tempo. Mas agora uma outra série de predições está perante nós, que não tem ligação com a profecia do Velho Testamento nem tampouco com Apocalipse, capítulos 6 a 19.

Na primeira parte deste discurso, lemos sobre guerras, pestilência, fome, grande tribulação, falsos cristos, a abominação da desolação, a Ju- deia, o dia do sábado e a vinda visível e gloriosa do Filho do homem, as exortações para fugir para os montes, para orar a fim de que a fuga não se desse no dia de sábado e permanecer até o fim para a salvação etc.. Disso tudo não lemos uma só palavra na segunda parte do discurso de nosso Senhor.

Nesta parte, Ele fala novamente por parábolas, como falou no Seu segundo discurso deste evangelho, contido no capítulo 13. As três parábolas que formam esta parte do discurso descrevem a condição das coisas durante a ausência do Rei e como na Igreja professa (na cristandade) haverá verdadeiros e falsos, possuidores e professos, salvos e não salvos, aqueles que têm vida e aqueles *"que têm nome que vivem e estão mortos"*.

Estas três parábolas podem perfeitamente ser colocadas lado a lado com as sete parábolas do capítulo treze, que tratam do reino do céu, frase que o Senhor usa novamente ao proferir a segunda parábola. As grandes parábolas do capítulo 13 dão, de um modo geral, o começo e o desenvolvimento externo e interno da cristandade; as três parábolas neste discurso dão o aspecto moral daqueles que estão na Igreja professa e cada uma está ligada ao fato da Sua volta. A Sua vinda distingue o verdadeiro e o falso e traz separação entre o bom e o mau.

Entretanto, vamos compreender claramente que não temos, nestas parábolas, a completa revelação do que é a bendita esperança da Igreja. A Igreja é, como temos visto em nossa exposição, mencionada neste primeiro evangelho como sendo uma instituição futura.

Não achamos nos evangelhos uma revelação completa da Igreja: seu parentesco, sua chamada, sua esperança celeste e seu glorioso destino. Tudo isso nos é dado a conhecer em outras partes do Novo Testamento. As parábolas falam da profissão cristã de um modo geral. Se tivermos isso sempre em mente, não acharemos dificuldade alguma. Esta era cristã é uma era confusa, e assim será até ao fim, quando Aquele que há de ir achará o servo fiel e prudente e o servo infiel, as virgens prudentes e as néscias, os servos fiéis usando os seus talentos e o servo mau e negligente.



Aquele que há de vir executará juízo. O servo fiel será chamado "bem-aventurado" e o servo inútil, castigado e lançado fora. As virgens prudentes irão com o noivo e as néscias encontrarão uma porta fechada. Os servos que usaram os seus talentos serão postos sobre muitas coisas e o servo inútil será lançado fora, nas trevas exteriores.

Que o Senhor descerá primeiro nos ares (1 Tessalonicenses 4.15-18) e que os verdadeiros crentes, santos ressuscitados e santos vivos, serão arrebatados para o encontro do Senhor nos ares, para comparecer ante o Seu trono de julgamento; que os descrentes e os cristãos nominais entrarão em apostasia e depois da Grande Tribulação receberão julgamento quando o Senhor vier dos céus com todos os Seus santos — nada disso é revelado nessas parábolas.

E passemos, agora, à primeira delas.

*"Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o Senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se e passar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora que não sabe, e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes"* (versículos 45 a 51).

O Senhor ainda está falando com os Seus discípulos, mas devemos compreender que, embora na primeira parte eles sejam vistos como discípulos judeus e tipos do remanescente de Israel no fim da era judaica, aqui o Senhor os considera como brevemente hão de ser, relacionados com algo novo, isto é, o Cristianismo.

Esta parábola em si é a mais simples das três; mesmo assim, ela contém lições profundas e muito significativas. O pensamento nesta parábola é de serviço numa casa; a casa são aqueles que são de Cristo. Esta casa recebe alimento no devido tempo e o escravo ou servo fiel e prudente deve supri-la com aquele alimento. Ele faz isso fielmente e, na vinda do Senhor, este servo fiel e prudente é colocado sobre todos os bens de seu Senhor.

Esta parábola é extremamente linda e bendita. Ela nos leva imediatamente a um terreno completamente novo. O judaísmo nada sabe sobre este tipo de ministério aqui mencionado; ele é essencialmente cristão. O Senhor, o grande Pastor de Suas ovelhas, por quem Ele morreu, a quem Ele tanto ama, apontou, Ele mesmo, os Seus servos para apascentar o Seu rebanho e dar-lhe de comer. Isto é o que agrada ao Senhor e é apenas mais uma prova de quão querido e amado Seu povo Lhe é.

Fidelidade a Ele e aos Seus — a Sua casa — é o ensinamento destas palavras. O verdadeiro servo (e todo crente verdadeiro tem um

serviço) é fiel e prudente e cuida daquilo para que o seu Senhor o chamou. E que é que mantém tal serviço? Que é que o torna sempre novo e agradável, doce e precioso? É a esperança de Sua vinda sim, Sua vinda iminente.

O próximo parágrafo, com a descrição do servo mau e sua má reflexão, tornará isso mais evidente aos nossos olhos. A recompensa do servo fiel e prudente é um serviço mais elevado: foram-lhe confiados todos os bens do seu senhor. O serviço não termina com esta vida terrestre; há serviço além, no céu, pois "*Seus servos O servirão*". Serviço fiel feito aqui, habilita àquele serviço mais elevado na Sua presença. De acordo com a nossa fidelidade aqui, acharemos serviço ali para o louvor e glória do Seu Nome.

Mas agora o outro lado se nos apresenta. O Senhor fala de um servo mau, o qual, no seu coração, diz: "*O meu senhor demora-se*". Ele age indignamente: espanca seus companheiros e come e bebe com ébrios. Repentinamente, seu senhor chega e dá-lhe a sua parte com os hipócritas.

A interpretação é fácil. Aqui temos o falso, aquele que tem tomado o nome de Cristo e se diz Seu servo. A pessoa descrita é um hipócrita; ele professa exteriormente ser um servo do Senhor, mas diz em seu coração: "*O meu senhor demora-se*". Então ele usurpa o lugar de autoridade e, ao invés de servir com humildade, alimentando os que são de Cristo, domina sobre os seus companheiros e se associa com ébrios.

O servo prudente e fiel é um quadro de como se deve ser na casa, isto é, na Igreja; e o servo mau, na sua hipocrisia e trabalho maligno, é um quadro da cristandade em corrupção. O ponto inicial dessa corrupção — este domínio sobre os companheiros e a associação com os bêbados, isto é, o mundo, começou quando ele disse: "*O meu Senhor demora-se*". Começou no coração. Primeiramente, ele renunciou, em seu coração, àquela esperança que era tão acentuada na Igreja primitiva. O abandono da crença da vinda do Senhor, o afastamento da doutrina da iminência da Sua volta, logo trouxeram à luz os males dos quais a parábola nos fala.

Se a volta do Senhor a qualquer momento tivesse sido a crença sincera, de coração, da Igreja professa, todas as abominações de que a parábola nos fala teriam sido uma impossibilidade. Gradativamente, a crença na volta do Senhor foi abandonada e, ao ser abandonada na Igreja professa, "*os dominadores do povo*", os Nicolaítas, apareceram; um sacerdócio terrestre foi inaugurado, modelado de acordo com o sacerdócio que era a sombra das coisas melhores, cumpridas em Cristo. Este falso sacerdócio tomou o lugar de autoridade e domina sobre os outros, os servos de Cristo.

A separação foi, também, abandonada e a Igreja se identificou com o mundo. É outra visão da semente de mostarda, do capítulo 13, tornando-se uma grande árvore com os pássaros abrigando-se nos seus galhos. O mau servo e seus feitos são melhor ilustrados na mensagem à igreja de Pérgamo, no livro do Apocalipse.

Não passemos levemente sobre o fato de que o mau servo começou com dizer no seu coração: "*Meu senhor demora-se*". Talvez ele não se tenha transformado repentinamente naquele mau servo; mas, assim que disse em seu coração que seu senhor demorava, ele deu o primeiro passo no sentido de se tornar corrupto em doutrina e em prática. O inimigo colocou aquele tolo pensamento no seu coração e induziu-o à maldade, que ele praticou.

Não terá isso algum significado para nós? Sim, é claro que tem. O próprio Espírito de Deus, através da Palavra, há apenas alguns anos atrás tem despertado novamente aquela bendita esperança e o grito da meia noite se ouviu: "*Eis o Noivo! Sai-Lhe ao encontro*". Tem havido um poderosíssimo reavivamento no estudo da profecia e a iminência da volta do Senhor tem sido ensinada e crida com simplicidade apostólica. Isto tem levado os crentes a prestar verdadeiro serviço a Cristo. Quem crê na vinda iminente do Senhor não pode deixar de meditar nEle, de ser responsável a Ele pelo serviço e de depender dEle para esse serviço. Este tem sido o caso.

Entre o grande número de servos que têm sido usados na pregação do Evangelho e no pastoreio do rebanho de Cristo, a grande maioria tem sido e é daqueles que "*aguardam dos céus o Seu Filho*". Há um remanescente de fiéis que esperam a Sua vinda, que esperam por Ele; esta expectativa conduz a serviço fiel e feliz. Podemos ser, deveras, muito felizes servindo ao Senhor com a esperança semelhante à de uma criança, mas uma esperança baseada na Bíblia: "Ele poderá vir hoje".

O inimigo, entretanto, não fica satisfeito em ver o povo de Deus esperando pelo Senhor. Ele é o autor do maligno grito: "*meu senhor demora-se*" e tem sido bem sucedido em apresentá-lo nestes dias de reavivamento no estudo da profecia. Conhecemos alguns que ensinavam e criam na iminência da vinda do Senhor, mas, de repente, suas vozes silenciaram quanto à bendita esperança. Por quê? Porque eles, de algum modo, ficaram emaranhados nos ensinamentos que adiam o glorioso evento até depois da Grande Tribulação, depois da manifestação do Anti-cristo e esta interpretação não bíblica tem silenciado completamente o seu testemunho. É triste ver isso e, se o nosso Senhor tardar, tememos que alguns destes homens (como já tem acontecido) desempenharão o papel do servo mau de um modo ainda mais pronunciado.

Acautelemo-nos contra qualquer ensino que contenha ainda que seja a mais leve insinuação de demora da vinda do Senhor. Este ensino não é de Deus. Antes, comecemos cada dia com a bendita expectativa de que Ele poderá vir hoje e assim prossigamos, servindo-O e sendo-Lhe fiéis.

Tenhamos, entretanto, a certeza de que o inimigo não descansará, mas achará algum novo e sutil meio de tirar-nos a bendita esperança e a bem-aventurada expectativa e tentará levar-nos à conformação com o mundo. Somente o poder de Deus poderá, nestes dias maus, conservar-nos neste caminho simples e esse poder repousará sobre nós enquanto nos apegarmos a Ele, o Senhor que virá.

A seguir, extraímos o seguinte de um volume do W. Kelly:

"Deixai somente que os filhos de Deus se mantenham livres daquelas nuvens de vapores nocivos e doentios que constantemente se elevam entre eles e o seu Senhor. Deixai-os acalentar em suas almas a esperança que Ele lhes deu. Se se introduz o Milênio antes de Sua vinda, é difícil ver claramente esta vinda. Isto age como um véu, que empana o brilho da esperança daquele dia. Talvez não o destrua; todavia, não se pode esperar por Sua vinda de um modo imperfeito. Se se introduz a Grande Tribulação antes, isto também diminui a perspectiva e enfraquece grandemente a esperança; ocupa a pessoa com males que vão aparecendo, produz um efeito depressivo e enche o coração com aquela aflição judicial e sua sombra de desolação. São erros dos teóricos. Um coloca uma expectativa errada entre a pessoa e a vinda do Senhor, provocando, enquanto isso, um excitamento imaginário na esperança daquele dia. O outro produz uma espécie de pesadelo espiritual, um sentimento de opressão por causa do pensamento que a Igreja terá que passar por tão terrível crise.

"Tende certeza, meus irmãos, que as Escrituras nos livram tanto da imaginação, como do pesadelo. Elas dão ao crente o direito de esperar Cristo com simplicidade como a de uma criança, tendo a perfeita certeza de que a Palavra de Deus é tão verdadeira quanto a nossa bendita esperança. Existirá, sim, o glorioso Reino de Deus; mas o Senhor Jesus o trará quando Ele vier. Sem dúvida, a Grande Tribulação virá, mas não para o crente. Que este seja um assunto relacionado com os judeus pode-se compreender bem. Por que a Grande Tribulação virá sobre eles? Por causa de sua idolatria; sim, por causa da Besta e do Anticristo a quem adorarão. É para eles uma retribuição moral com a qual os cristãos nada têm a ver, diretamente. A calamidade predita cairá sobre as nações apóstatas e sobre os judeus. Aqueles que deveriam ser testemunhas de Jeová e de Seu Cristo cairão finalmente na terrível armadilha de permitir que a abominação seja colocada no santuário de Deus".

A segunda parábola é a parábola das dez virgens. Esta é interpretada de diferentes maneiras pelos estudiosos da Palavra profética. Por isso, somos forçados a dar-lhe a máxima atenção.

*"Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco delas eram néscias e cinco*

*prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram. Mas, à meia noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro. Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: Não! para que não nos falte a nós e a vós outras; ide antes aos que vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora" (versículos 1 a 13).*

Já temos mostrado que estas parábolas nada mais têm a ver com a era judaica e com o remanescente do Seu povo terrestre, que tanto se evidenciam na primeira parte deste discurso. Entretanto, como há uma evidência crescente entre os professores de profecia para aplicar esta parábola das dez virgens num sentido judaico, colocando seu cumprimento durante o tempo da Grande Tribulação, somos obrigados a considerar primeiramente esta opinião, a fim de mostrar que está errada. Depois de termos feito isto, poderemos compreender melhor o significado desta parábola e o seu ensinamento. A teoria exposta é a seguinte:

O Senhor começa a parábola com a palavra "*então*". Esta palavra prova que a parábola se refere ao tempo final da era judaica, pois é isto que é descrito no capítulo anterior. Então — quando? — quando houver um tempo de tribulação e o Senhor estiver para vir. A parábola é, então, aplicada por alguns professores como referindo-se às condições das coisas na terra no fim da Grande Tribulação. "*Então*", quando Ele voltar depois da Grande Tribulação, "*o reino dos céus será semelhante a dez virgens*".

Afirma-se, além disso, que as dez virgens não representam a Igreja como a Noiva de Cristo; que a noiva já está com o Noivo e, como as virgens não são a noiva, mas saem ao encontro do Noivo que já vem com a Sua noiva para o banquete do casamento, a parábola não pode ser aplicada às condições presentes. A Noiva, a Igreja, precisa primeiro estar com o Noivo, antes que as virgens possam sair para encontrá-lo.

Outro fato é usado para fortalecer esta exposição. Algumas das versões mais antigas têm três palavras adicionais neste versículo, que diz assim: "*Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se Com o noivo e a noiva*". Estas palavras são encontradas na versão Siríaca e também na Vulgata. Isto é geralmente admitido como sendo a evidência conclusiva de que a parábola terá o seu cumprimento no fim da Grande Tribulação e que as cinco virgens prudentes são os judeus remanescentes.

Impugnamos, porém, esta exposição por ser incorreta e contrária às Escrituras. Vejamos os argumentos contra ela:

O uso da palavra "*então*" prova exatamente o oposto do que a querem fazer provar. "*Então*", esta pequena palavra, tem sempre um grande significado em profecia. Se a parábola das dez virgens viesse no fim do verso quarenta e quatro do capítulo vinte e quatro, ela não poderia significar nada mais do que um evento ligado ao fim da Grande Tribulação. Aprendemos que o verso quarenta e quatro do capítulo anterior marcou o término de uma parte do discurso no qual o Senhor fala dos sinais da Sua vinda e do fim da era. Se lêssemos no verso quarenta e cinco:

"Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens etc.", não haveria outro meio senão ligar a parábola aos grandes acontecimentos que o Senhor acabara de descrever. Teria a mesma aplicação que o "*então*" do verso quarenta. "*Então dois estarão no campo, um será tomado e deixado o outro*".

Mas o leitor irá notar que, conforme já temos demonstrado anteriormente, com o verso quarenta e cinco, o Senhor introduz um tema completamente diferente; este não é mais o término da era judaica, o remanescente dos judeus, seus sofrimentos e sua libertação; não é mais a Sua gloriosa e visível manifestação nos céus; mas é um ensinamento por parábolas, referente à presente era cristã, à profissão cristã.

Ele havia proferido uma parábola, a parábola do servo fiel e do servo mau. Já temos visto em nossa exposição quão perfeitamente isto se aplica às condições cristãs nesta era, como o verdadeiro e o falso. O "*então*" com que a segunda parábola se inicia é usado para ligá-la à primeira parábola; refere-se ao mesmo período de tempo quando, no meio do Cristianismo professo, há um servo fiel e um servo mau e não ao fim da era judaica.

Agora, uma breve palavra sobre a questão de as dez virgens representarem o remanescente judaico e a parte apóstata da nação ser representada pelas virgens néscias. Lemos na parábola que as dez virgens adormeceram porque o noivo tardou; é geralmente admitido que o fato de irem dormir aconteceu por causa da longa demora do noivo e que as virgens não mais esperavam a sua vinda. É impossível aplicar isso à condição das coisas durante a Grande Tribulação. É completamente impossível pensar no remanescente, se tal remanescente for representado pelas virgens prudentes adormecendo quando, como aprendemos no capítulo vinte e quatro, o remanescente pregará o Evangelho do Reino e anunciará a vinda do Rei.

Somente este argumento é suficiente para reprovar completamente este modo de interpretação. Ademais, o remanescente não é chamado para sair ao encontro do noivo, como acontece com as virgens. Com o

remanescente acontece o oposto. As virgens prudentes têm o óleo, que é um tipo do Espírito Santo; elas têm o Espírito Santo e isto dificilmente poderia ser aplicado aos judeus antes da volta visível do Senhor.

E que dizer, então, sobre as palavras adicionais de alguma das velhas versões? Não temos evidência suficiente de que sejam genuínas. As evidências contrárias são duas. O ensinamento de que a Igreja é a Noiva de Cristo é uma revelação subsequente, não podemos procurá-lo aqui. Em segundo lugar, é oposto ao significado da própria parábola. Esta parábola relata a vinda do noivo e é por isso que não é necessário mencionar a noiva. Com isto anulamos a teoria de que a parábola se refere aos judeus durante a tribulação.

Antes de iniciarmos a exposição da parábola propriamente dita, queremos mencionar outra interpretação errônea que também tem ganhado terreno nestes dias. Tem-se ensinado que as cinco virgens prudentes, que têm óleo, são aquelas que receberam a plenitude do Espírito Santo, que alcançaram um elevado grau de santidade, que são totalmente dedicadas e são verdadeiras virgens, separadas do mundo no mais amplo sentido da palavra. As virgens néscias são cristãs também, mas falta-lhes a "vida mais elevada", uma frase tão destituída de base bíblica como a "segunda bênção".

Tal ensinamento não somente gera confusão, mas acaba por atacar a graça de Deus e a obra bendita de nosso Senhor. Com muita frequência o Salmo 45 é usado para ensinar a diferença entre a noiva e as virgens. Entretanto, aquele Salmo se refere a Israel e às nações.

Fazemos bem em nos acautelarmos de qualquer coisa que magnifica as possibilidades do homem e, assim, obscurece a graça divina. Não, as virgens prudentes não significam a companhia seleta chamada por alguns de "os primeiros frutos", que são encheidos com o Espírito e levados para junto do Senhor, enquanto as virgens néscias são "crentes apenas justificados", que terão que passar pela tribulação. As virgens néscias não poderiam representar cristãos verdadeiros pois o Senhor lhes diz: *"Não vos conheço"*.

E agora, antes de examinarmos a parábola, que é, de fato, muito simples, queremos lembrar ao leitor que nem tudo o que se encontra numa parábola tem de ser necessariamente aplicado. Uma parábola é uma representação alegórica, ilustrando algum grande princípio. Esta parábola, na figura das dez virgens, representa a profissão cristã. No fato de terem saído ao encontro do noivo eram semelhantes em profissão e, contudo, umas eram verdadeiras e as outras falsas.

A parábola precisa ser considerada primeiramente como referindo-se ao começo da era cristã. A Igreja cristã começou, podemos dizer, com esta dupla atitude: separação do mundo e expectativa da vinda do Noivo.

O ensinamento do Cristianismo é que os que aceitam o nome de cristãos devem sair, separar-se das coisas do passado, e ir avante com o propósito de encontrar o Noivo. Assim foi no começo. Os judeus tinham que sair do arraial e os gentios tinham que voltar-se dos ídolos para Deus; todos esperavam por Seu Filho vindo dos céus, aquela esperança bendita que era tão viva no início do Cristianismo. O nome "virgem" comunica a mesma ideia de separação.

As lâmpadas que elas carregavam falam-nos de uma outra característica cristã: o cristão é chamado para iluminar. O primeiro verso da parábola dá-nos, em poucas palavras, aquilo que é característica da vocação cristã e o que foi notório no princípio. Sair, isto é, separar-se do mundo, sair com lâmpadas para iluminar e brilhar e sair para encontrar o Noivo, que prometeu voltar. Separação, manifestação e expectativa é aquilo em que consiste o Cristianismo.

Em segundo lugar, temos que metade das virgens que representam a profissão cristã eram néscias. Sua tolice consistia em levarem as suas lâmpadas, mas não levarem óleo. Entretanto, a má condição é descoberta e demonstrada depois do grito da meia-noite. As outras cinco eram prudentes e levaram óleo nas suas vasilhas com suas lâmpadas.

Edershein é quem melhor explica o que eram essas lâmpadas e vasos. Ele diz: "As lâmpadas consistiam em receptáculos redondos onde se colocava piche ou óleo para o pavio. Este era colocado numa vasilha oca ou num pires fundo, o qual era fixado por uma ponta aguda numa vara comprida, na qual a vasilha era mantida no alto".

Que temos na divisão das virgens em cinco loucas e cinco prudentes uma figura do falso e do verdadeiro é bem óbvio. As cinco virgens néscias representam aqueles que são somente cristãos professos, ao passo que as cinco virgens prudentes são cristãos convertidos, verdadeiros crentes. Mas, poderá ser dito, não foram também as cinco virgens néscias encontrar-se com o Noivo? Na sua profissão certamente foram, mas isto não indica que elas eram pessoas verdadeiramente salvas. Mais tarde, tudo indica que não o eram e que toda a sua profissão era totalmente vã. Elas são representantes daqueles que têm uma forma de piedade (as lâmpadas), mas que negam o seu poder, pois não têm o poder de iluminar (o óleo).

Aqui novamente há uma objeção. Não disseram elas: "*Dai-nos do vosso azeite porque as nossas lâmpadas estão se apagando*"? Nesse caso, elas deveriam ter tido algum azeite, pois, em caso contrário, como poderiam dizer que suas lâmpadas se apagavam? Não há nisto nenhuma prova de que elas possuíam azeite. Primeiramente, lemos no começo que elas "*não levaram azeite consigo*"; somente isto já deveria resolver a questão. No seu susto, entretanto, quando foi ouvido o grito



da vinda do noivo, fizeram um esforço para terem lâmpadas acesas. Quem não sabe que um pavio pode ser aceso sem azeite, soltar uma baforada e, então, apagar-se?

Este foi o caso com as virgens néscias. Elas nunca tiveram óleo, como a grande multidão de cristãos professos nestes dias, que têm lâmpadas (a forma exterior), mas nunca aceitaram Cristo no coração, faltando-lhes, portanto, o azeite, o Espírito Santo e o Seu poder. É uma condição terrível! E quantos milhares e centenas de milhares estão nesta condição hoje! As virgens prudentes representam os crentes verdadeiros, que não somente têm lâmpadas, mas também têm azeite em suas lâmpadas e nas suas vasilhas. O Espírito Santo está presente em cada verdadeiro filho de Deus, ainda que ele seja o mais fraco e o menos instruído.

Depois lemos da demora do Noivo e que, tanto as néscias como as prudentes, foram tomadas de sono e adormeceram. Isto tem sido interpretado de diferentes modos, mas somente uma interpretação pode ser feita. Com a demora do Noivo, elas não mais O esperavam e foram vencidas pelo sono. No começo da Igreja cristã, todos esperavam, pela vinda do Senhor, mas com o passar dos anos deixaram a bendita esperança e cessaram de esperar pela Sua vinda.

O adormecer das virgens significa que a expectativa da vinda do Senhor foi abandonada. Ocasionalmente, durante os séculos, quando a Igreja professa tem entrado em corrupção, tem havido um alarme da chegada do dia do juízo. Assim foi no começo do sétimo século e no ano 1.000, mais ou menos. Mas isto não foi uma saída para, com alegria, encontrar-se com o Noivo; bem ao contrário, foi uma expectativa de juízo e do fim do mundo.

Os sacerdotes aproveitaram-se da oportunidade e o pobre e amedrontado povo, esperando o fim do mundo, entregou os seus tesouros à "Igreja". Com exceção destes alarmes sobre o fim do mundo, o sono continuou e, ao invés de esperar o Noivo, de Sair-Lhe ao encontro, a Igreja professa — as néscias e as prudentes — ficou ocupada com as coisas terrestres, poder e governo terrestres e a conversão do mundo. Aqui neste verso notamos um segundo período na história da cristandade, o período no qual a volta do Senhor não é esperada; elas todas dormiam.

Mas agora vem um terceiro período. *"Mas à meia-noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro"*. A questão é: Temos já alcançado este período ou temos de esperar ainda um clamor alarmante desta natureza, despertando tanto as néscias como as prudentes, tanto os cristãos professos como os verdadeiros? Alguns ensinam que este clamor da meia noite refere-se ao brado do Senhor quando Ele vier nos ares (1 Tessalonicenses 4.13-18).

Prezado leitor, estamos vivendo exatamente no tempo do cumprimento deste versículo e estamos encarando a breve volta do Noivo. O clamor da meia-noite foi ouvido em meados do século passado, quando o Espírito Santo, mediante instrumentos poderosos, porém humildes, revivificou a bem-aventurada esperança e tudo quanto está ligado a ela. E o clamor ainda se ouve: *"Eis o Noivo! Sai ao Seu encontro"*. O inimigo gostaria de silenciar esta bendita palavra, mas não pode.

Note, entretanto, que não é apenas o aviso do fato da chegada do Noivo. É mais do que isto. A bendita esperança da Sua vinda apresenta aos nossos corações não tanto a vinda em si, mas a Pessoa dEle mesmo. E, enquanto contemplamos o Noivo, e sabendo da proximidade da Sua vinda, que podemos fazer, a não ser sairmos ao Seu encontro?

Isto significa uma volta à verdadeira vocação cristã, ou seja, a separação do mundo, separação de tudo o que é falso e que não está de acordo com as Escrituras e que desonra o Seu Nome, a Sua Pessoa, a Sua Obra ou a Sua Palavra. E este tem sido exatamente o caso. O clamor da meia-noite tem despertado os verdadeiros crentes para um retorno à posição verdadeira e os tem levado a uma separação do mal. E ainda é assim.

Há, de fato, um ensino e pregação de profecia que não toca na consciência, que é apenas para a cabeça. Alguns ensinam corretamente tudo sobre as setenta semanas de anos em Daniel, a restauração dos judeus e o Milênio, e ainda continuam nos seus maus caminhos. Isto é um grande mal. Que Deus nos guarde dele! O clamor da meia-noite é dado para que possamos sair ao Seu encontro e estar realmente separados para Ele, que logo há de vir.

Se temos ouvido aquele clamor pelo poder do Espírito de Deus e temos saído ao encontro do Noivo, temos uma responsabilidade de propagá-lo. E agora, que acontece a seguir? *"Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras; ide antes aos que o vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta"*.

O clamor da meia-noite revela a condição das prudentes e das néscias. As néscias, sem azeite, correndo para cá e para lá; as prudentes calmas, levantando-se, aprontando as suas lâmpadas, prontas para o encontro com o Noivo. É um fato muito significativo que a bendita esperança da vinda do Noivo, o grito da meia-noite, está causando uma separação entre os verdadeiros e os falsos. Aqueles que são do Senhor e têm o azeite parecem estar atraídos a Ele e amarem a

Sua vinda; ao passo que os outros, os meros professos, estão se comportando tão tolamente quanto as virgens néscias da parábola.

Não podemos fazer melhor do que citar as palavras de um dos mais sinceros e devotados homens que foram usados por Deus para tomarem parte na propagação do grito da meia-noite: "Horrorizadas, vêm as virgens néscias às prudentes, dizendo: Dai-nos do vosso azeite; mas isto está fora do alcance do cristão e as prudentes dizem-lhes: 'Ide antes aos que o vendem e comprai-o'. Há Um que vende, mas livremente, sem dinheiro e sem preço; comprar de outro, ainda que seja um apóstolo, é fatal. O grito foi dado para reavivar a esperança e teve também o efeito de lembrar a atitude original — a única correta — dos santos para com Cristo. Foi o suficiente para separar as prudentes como sendo as únicas prontas para agir de acordo. Era tarde demais para as néscias; quem, a não ser Um, poderia dar-lhes o que precisavam?"

"Qual o significado de toda a agitação recente? Pessoas zelosas por formas religiosas que, na verdade, não conhecem o Cristianismo. As virgens néscias estão em busca de azeite, não poupando esforços para alcançarem o que não possuem, a única coisa necessária, e utilizando todos os meios, menos o certo.

"A ornamentação dos edifícios eclesiásticos, as vestes fantásticas dos clérigos, o gosto moderno pelas músicas religiosas, simplesmente demonstram que as virgens néscias estão trabalhando. Elas não estão em condições para encontrar-se com o Senhor e estão receosas disso.

"A consequência desse grito da meia-noite é que uma dupla atividade está desenvolvendo-se. Pois o Senhor está despertando aqueles que O conhecem e são sábios, pela Sua graça, para sair ao encontro do Noivo. Os outros, ainda que indiretamente, estão sendo despertados também, mas a seu próprio modo, poderosamente afetados pelo grito e seus efeitos, não se elevam acima da natureza e da terra! Totalmente ignorantes da graça de Deus, estão procurando encobrir isto com o que é chamado de "zelo". Não sabem que estão longe de Deus; sim, mortos em delitos e pecados. Assim, pensam ou esperam que, sendo zelosos, poderão de uma ou de outra maneira, chegar bem ao fim. Que ilusão poderia ser mais desesperadora?"

Que mais poderia ser acrescentado a isso? Atividades religiosas, sociedades, esforços e outras coisas estão constantemente se multiplicando e pode ser vista facilmente em muitas destas coisas a atitude das virgens néscias. Entretanto, ninguém poderá inferir da parábola que, quando o grito da meia-noite for ouvido, e um indivíduo descobrir que não tem azeite, que não é do Senhor, não poderá vir a Ele, o Qual está pronto para vender sem dinheiro e sem preço. Bendito seja o Seu Nome, pois que Ele continua pronto a dar azeite até mesmo o último instante, assim cumprindo até o momento final, enquanto Ele se demora, as

Suas graciosas palavras: *"O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora"*. Entretanto, a dificuldade com as virgens néscias é que não querem vir a Ele para comprar, mas preferem continuar no seu próprio e tolo caminho.

E agora vem a última etapa da parábola. O Noivo chega. As prudentes entram e as néscias ficam de fora. A porta é fechada. Oh, que palavra solene! A porta é fechada! Brevemente, tudo isto poderá ser uma realidade. A meia-noite trouxe o grito; agora estamos ao romper da aurora. Estamos na quarta vigília. Logo Ele virá e todos os que são salvos pela graça, embora possam ignorar Sua vinda pré-milenal, ou serem tristemente faltosos em outros aspectos, entrarão para as bodas. Todos os outros, que não são salvos, ficarão de fora. É um juízo definitivo. Eles nunca mais poderão entrar. *"Não vos conheço"*, é a única palavra que ouvirão. *"Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia, nem a hora"*. Leitor, você está pronto?

Chegamos, agora, à terceira parábola. Ela conclui a segunda parte do discurso das Oliveiras.

*"Pois será como um que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e então partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar e ganhou outros cinco. Do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste é ajuntas onde não espalhaste, aqui tens o que é teu. Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes"* (versículos 14 a 30).

Esta parábola não é idêntica àquela relatada no evangelho de Lucas 19.12-27. A de Lucas, a parábola das dez minas, foi proferida antes da visita do Senhor a Jerusalém; esta, a de Mateus, quando a

Sua visita estava quase terminada. A parábola de Lucas trata mais dos galardões no Reino e tem a sua aplicação especial, na qual entraremos agora. Esta parábola, em seguida à das dez virgens, mostra-nos o mesmo período de tempo, quando o Senhor não está presente. Vemos nela novamente a responsabilidade que o homem tem, em virtude da possessão dos dons que o Senhor ausente lhe tem concedido, e como os dons podem ser usados ou não, e que quando Ele vier novamente, o bom e fiel servo terá uma entrada franca na alegria do seu senhor, ao passo que o servo negligente será lançado fora.

A dificuldade nesta parábola parece sempre ter sido a questão do servo que recebeu um talento. O ensino que tantas vezes, aliás, geralmente, é dado sobre o caso do servo negligente é totalmente contrário às Escrituras. Ensina-se que ele, como um crente e servo de Cristo, não fez uso do seu talento e que todos os crentes cristãos que agem da mesma maneira terão que participar da sua sorte. Com base nesta concepção, os crentes são exortados a serem fiéis, diligentes e a usarem aquilo que o Senhor lhes tem dado, pois, se assim não fizerem, serão certamente lançados nas trevas exteriores, onde há pranto e ranger de dentes.

De acordo com este ensino, a salvação final depende não da obra do Senhor Jesus Cristo, sobre a cruz, mas da fidelidade do crente e do emprego daquilo que ele tenha recebido. Como esse pensamento pode ser desenvolvido, pode-se ver facilmente. Alguns dizem até que todo ser humano tem algum talento, mesmo que seja muito pequeno, alguma luz, alguma coisa boa e, se isso for usado, melhorado, desenvolvido, resultará em salvação.

Que tais ensinamentos são nocivos e ferem os próprios fundamentos do bendito Evangelho é um fato que pode-se ver facilmente. Como podemos reconciliar o ensino do Evangelho da Graça com o caso do servo negligente desta parábola? Não há necessidade de tentar reconciliá-lo, pois aquele que recebeu um talento e o escondeu não representa absolutamente um verdadeiro crente. Para verificar isso, basta ouvir o que ele tem a dizer, a desculpa que ele dá por ter escondido o talento. Suas palavras revelam a sua verdadeira condição. Ele está longe de ser um servo verdadeiro com o coração cheio de confiança e amor.

Muito ao contrário, ele não confiava no Senhor de maneira nenhuma e com as suas palavras ele acusa o Senhor de ser um mestre exigente. Certamente, nenhum crente verdadeiro diria tais palavras sobre o seu bondoso Senhor. O fato de ele não ter usado de modo nenhum o seu talento e depois, por causa de sua ociosidade, ter acusado o Senhor injustamente, é prova suficiente de que o homem representa meramente um servo professo. O fato de não usar o talento indica que ele recusou aquilo que o Senhor pusera à sua disposição.

A parábola toda, a não ser a parte sobre o servo negligente, não é difícil de compreender. Precisamos, entretanto, tomar cuidado para evitar o pensamento de que os talentos, os cinco e os dois talentos, são coisas como possessões terrenas, faculdades mentais, tais como uma memória boa, uma mente ativa, acadêmica, ou um corpo robusto. Que todas estas coisas são bênçãos e dons de Deus, ninguém duvidaria. Mas os talentos são os Seus bens e foram entregues nas mãos dos servos quando Ele partiu. Entretanto, os dotes naturais são considerados na distribuição de tais dons. A cada é um é dado "*segundo a sua própria capacidade*". Sua própria sabedoria divina se manifesta na doação destes talentos. Não há nenhum servo verdadeiro de Cristo que seja deixado sem nenhum dom. O Senhor ausente tem dado a cada um segundo a sua capacidade.

Outro importante princípio ensinado nesta parábola é que o dom pode ser aumentado. Dois negociaram com os talentos e estes foram duplicados. O exercício de qualquer dom, não importa o seu tamanho, irá aumentá-lo e haverá lucro que, necessariamente, é, antes e acima de tudo, lucro para o próprio Senhor. Será para Ele, como no caso destes servos, que lançaram perante Ele o que haviam recebido e o que haviam produzido.

Contudo, a distinção entre esta parábola e a do servo prudente e do mau servo, no final do capítulo 24 também tem de ser mantida. O campo de ação do servo prudente era menor. Ele tinha que dar alimento, no devido tempo, aos moradores de uma casa. Neste caso, porém, os talentos eram para ser usados numa esfera muito mais ampla. Assim como os mercadores, que negociam e desejam prosperar vão a lugares distantes, também o servo de Cristo deve usar aquilo que o Senhor lhe tem dado de acordo com a sua habilidade natural e, enquanto ele usa, quer seja na pregação do Evangelho ou no trabalho entre o povo de Deus, aquilo será aumentado.

A vinda do Senhor e a maneira como Ele agiu com os servos bons e fiéis apresenta-nos outro princípio. Cada um recebe um galardão. A cada um o Senhor diz: "*Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor*". Ele não dirige palavras melhores de aprovação àquele que tinha os cinco talentos e trouxe outros cinco. Ambos recebem as mesmas palavras de aprovação. Não é uma questão de quanto recebemos do Senhor, mas sim, de como usamos aquilo que Ele nos dá. Trabalho fiel, mesmo nas mínimas coisas, embora haja somente um talento, receberá aprovação.

Para compreendermos plenamente o que significa ser "*colocado sobre muito*" e "*entrar no gozo do Senhor*", teremos que esperar até estarmos na Sua gloriosa presença e vermos o Seu rosto face a face.

Que esta parábola, assim como as precedentes, nos animem a ser, como crentes verdadeiros, fiéis ao Senhor. Logo Ele virá. Logo compareceremos perante o Seu trono de julgamento para darmos conta do que temos feito. Que possamos todos usar o que Ele nos tem dado e que o façamos com confiança nEle e com amor a Ele.

.oOo.

## TERCEIRA PARTE

### Mateus 25.31-46

## O julgamento das nações

**Nos últimos versículos deste capítulo** (os versos 31 a 46), encontramos a terceira parte do grande discurso profético do Senhor. Ela refere-se aos gentios. Várias vezes esta parte é mencionada por expositores como sendo uma parábola, assim como alguns chamam de parábola a descrição do estado futuro do rico e Lázaro, em Lucas 16. Mas em nenhum destes casos temos uma parábola. Ambos são descrições solenes de acontecimentos e condições que são reais.

Aqui o Rei nos apresenta a descrição de um grande julgamento, comandado por Ele mesmo, estando Ele sobre o trono da Sua glória.

*"Quando vier o Filho do homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas em Sua presença, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à Sua direita, mas os cabritos à esquerda"* (versos 31 a 33).

É evidente que estas palavras se relacionam com 24.30-31. A cena se desenrola depois da Sua aparição visível e gloriosa como Filho do homem e depois que Seus eleitos (o remanescente do Seu povo terrestre, isto é, *"todo o Israel"*) têm sido acolhidos. Deixando fora a parte central do discurso, as três parábolas referentes à profissão cristã, temos em 24.3-41 e 25.31-46 os eventos cronológicos do fim da

era judaica e o julgamento que segue imediatamente depois da vinda do Senhor.

Ocupará Ele um trono literal? Alguns entendem que é somente uma figura, mas tal pensamento é totalmente errado e perigoso. Os anjos também aparecerão com Ele e serão vistos pelos habitantes da terra. Por que razão haveria de ser espiritual o trono que Ele ocupará? Não, tal trono será literalmente um trono, será *"o trono da Sua glória"*. Ele se referia a este mesmo trono quando respondeu à pergunta de Pedro, em 19.28: *"Em verdade vos digo que vós, os que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel"*. A *"regeneração"*, a *"Paligenesia"* da era vindoura, começará com a Sua segunda vinda visível e o primeiro grande evento que se realizará depois que Ele se assentar no Seu trono será o julgamento, conforme é descrito por Ele mesmo nesta parte do discurso.

A Igreja não é vista aqui em Mateus. Ele trará consigo os Seus e a Igreja tomará parte na cena aqui descrita, como também no governo da terra e do Universo. *"Não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?"* (1 Coríntios 6.2). Os anjos terão o seu trabalho específico nesta cena de julgamento (Mateus 13.41-42). A pergunta que agora se destaca é: Quem são as pessoas a serem julgadas? Que julgamento é este que o Senhor descreve? Haverá pouca dificuldade em descobrir isto e a pessoa que segue o texto de perto, sem consultar as ideias tradicionais da Igreja professa, verá imediatamente quem será julgado. O Senhor diz que *"todas as nações"* estarão reunidas perante Ele. As pessoas julgadas serão, portanto, as nações que estiverem vivas no dia em que o Senhor aparecer na Sua glória.

Isto exclui imediatamente a Igreja verdadeira, pois esta já estará com Ele. Tal julgamento não pode ser para a Igreja. O Tribunal de Cristo (não do Filho do homem), ante o qual todos os verdadeiros crentes comparecerão ou para aprovação ou para reprovação, será, quando este julgamento das nações se realizar, uma coisa do passado. O Tribunal de Cristo, ante o qual os crentes comparecerão, não será na terra, mas no céu, o lugar para onde a Igreja será arrebatada.

Geralmente, esta grande cena que o Senhor aqui descreve (o julgamento das nações vivas) é aplicada como sendo um julgamento universal, no qual participariam judeus, cristãos, pessoas salvas e não salvas, todo membro da raça humana, todos os pagãos. Tal julgamento é muitas vezes pregado com base nesta passagem. Outra cena de julgamento, relatada em Apocalipse 20.11-15, é estranhamente identificada com esta. Afirmamos imediatamente que não há uma só linha nas Escrituras que ensine tal julgamento universal, como também não há uma só linha que ensine uma ressurreição geral.



Repetimos: Nenhum julgamento e ressurreição geral são ensinados em qualquer parte da Palavra de Deus. Não queremos, entretanto, que nossos leitores pensem que negamos que haja julgamento e ressurreição. Cremos sinceramente que toda pessoa que viver será julgada em algum tempo e que toda a pessoa que viver e morrer será ressuscitada; mas há julgamentos diferentes e duas ressurreições distintas. O Tribunal de Cristo é para os salvos em todas as épocas; o Tribunal do Trono Branco é para os perdidos.

Se olharmos para Apocalipse 20.11-15, a passagem que é muitas vezes citada juntamente com Mateus 25.31-46, descobriremos que a cena de julgamento descrita aqui é totalmente diferente. Em Apocalipse 20 não vemos o trono de glória sobre o qual o Filho do homem há de assentar-Se, mas sim, o grande trono branco. Nem tampouco encontramos esse grande trono branco sobre a terra, como em Mateus 25, e sim, que o céu e a terra fugiram e nenhum lugar foi achado para eles.

As pessoas submetidas ao julgamento do grande trono branco não são as nações vivas, mas *"os mortos"*. Como o contexto demonstra, as nações que forem rebeldes, no fim dos mil anos serão destruídas por fogo de Deus vindo do céu (verso 9). O julgamento do grande trono branco é o dos mortos maus e seu lugar eterno será o lago de fogo. Esta é a segunda ressurreição, ou a ressurreição dos injustos, como o nosso Senhor a chama em João 5.

Há uma primeira ressurreição em que todos os salvos tomarão parte e que começará quando o Senhor vier buscar os Seus santos. Então, *"os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, para o encontro do Senhor nos ares"* (1 Tessalonicenses 4.15-17). A esta primeira ressurreição pertencem também os mártires da Grande Tribulação.

Tudo isto é bem esclarecido por alguns poucos versículos no capítulo 20 de Apocalipse. *"Vi também tronos e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada sutoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da Palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se competassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição"* (Apocalipse 20.4-5).

Isto prova claramente que há duas ressurreições (uma dos justos e outra dos injustos) e que elas não ocorrerão ao mesmo tempo, mas haverá um espaço de mil anos entre elas.

Vamos lembrar também do que é dito sobre todos aqueles que creem no Senhor Jesus Cristo: eles têm a vida eterna e não entrarão em juízo. Para o crente verdadeiro não há julgamento porque o Senhor Jesus, sobre a cruz, passou pelo julgamento como seu substituto. O Tribunal de Cristo, do qual lemos em 1 Coríntios 5, perante o qual todos os que são de Cristo terão de comparecer, refere-se a obras, serviços, recompensa etc. e não ao destino eterno. Será um tribunal para galardão e nunca para condenação.

Em nossa passagem, um julgamento completamente diferente é descrito. Nem uma palavra ou sugestão é dada sobre ressurreição; realmente não há ressurreição em relação ao evento aqui descrito pelo Senhor. Quando Ele vier na Sua glória, com a Sua Igreja, acompanhado pelos santos anjos, Ele achará na terra o Seu povo terrestre, Israel. O Israel que há de ficar e passar pelo fogo e grande tribulação recebe-lo-á como Redentor e Rei e Ele desviará a impiedade de Jacó. Mas Ele achará também nações vivas sobre a face da terra e essas nações serão separadas pelo Filho do homem, que estará assentado sobre o trono da Sua glória. As ovelhas serão postas à Sua direita e os cabritos à Sua esquerda.

O local do julgamento destas nações vivas será, sem dúvida, a terra de Israel.

Zacarias 14.1-5 e Joel 3 lançam luz sobre este julgamento. Guardemos claramente em nossas mentes o fato de que Mateus 25.31-46 descreve um julgamento que se realizará imediatamente depois da segunda vinda do Senhor em poder e glória. As pessoas então julgadas não serão os judeus, nem a Igreja, nem os mortos, mas as nações que estiverem vivas naquele dia. E depois de efetuada a separação o Rei fala:

*"Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e Me destes de comer; tive sede e Me destes de beber; era forasteiro e Me hospedastes; estava nu e Me vestistes; enfermo e Me visitastes; preso e fostes ver-Me. Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que Te vimos com fome e Te demos de comer? ou com sede e Te demos de beber? E quando Te vimos forasteiro e Te hospedamos? ou nu e Te vestimos? E quando Te vimos enfermo ou preso e Te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes. Então o Rei dirá também aos que estiverem à Sua esquerda: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome e não Me destes de comer; tive sede e não Me destes de beber; sendo forasteiro, não Me hospedastes; estando nu, não Me vestistes; achando-Me enfermo e preso, não fostes ver-Me. E eles Lhe perguntarão: Senhor, quando foi que Te vimos com*

*fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso, e não Te assistimos? Então lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a Mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna"* (versos 34 a 46).

Em primeiro lugar, quais são as nações chamadas justas e que figuram aqui como ovelhas? Que elas não representam a Igreja e que nelas não estão os santos da Igreja, membros do corpo, já o temos demonstrado. Isto pode ser facilmente provado pelo próprio texto.

Estas nações são chamadas de *"benditos de Meu Pai"*; os crentes que constituem a Igreja são mais que benditos do Pai. Eles estão em comunhão com o Pai e com o Filho. Estas nações herdaram um Reino que está preparado desde a fundação do mundo. A herança da Igreja é maior do que esta. Nossa herança é com Ele mesmo. Somos co-herdeiros com o Senhor Jesus Cristo. Além disso, é afirmado, quanto à Igreja, que Deus nos tem escolhido *"antes da fundação do mundo"*. Deixaremos de mencionar outros fatos que provam que estas nações não representam a Igreja.

Estas nações são nações salvas e os seus atos de retidão são aqui mencionados. Foram misericordiosas para com os pequeninos irmãos do Rei; alimentaram-nos, deram-lhes de beber, vestiram-nos e visitaram-nos. O que eles fizeram aos irmãos do Rei, fizeram ao próprio Rei.

Quão grande é a confusão que se faz entre cristãos sobre o significado destas palavras! Muitas vezes, a interpretação dada fere até os fundamentos do Evangelho. Muitos pensam que, com estas palavras, nosso Senhor quis referir-se aos atos de caridade em geral, tais como trabalhos em hospitais e prisões, distribuição de alimentos aos famintos e de roupas para os necessitados, tudo isso em ligação com a Igreja ou instituições filantrópicas.

Se alguém fizer estas coisas, e nisto for fiel, por elas receberá a aprovação do Rei naquele julgamento, dizem os tais. E muitas almas constroem sobre esse fundamento de areia. Tudo isto é absolutamente errado. Aquelas palavras do Senhor têm um significado inteiramente diferente.

Quem são os irmãos do Rei a quem estas nações justas tratarão com tanta bondade e misericórdia? São os irmãos do Senhor, segundo a carne; em outras palavras, os judeus. Se isto for bem compreendido, o julgamento todo — a justiça das nações à direita do Rei e a injustiça das outras nações à Sua esquerda — ficará bem claro.

Voltemos à primeira parte do discurso. Ali lemos: *"E será pregado este Evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim"*. Na exposição do capítulo precedente já temos demonstrado o que é o Evangelho do Reino, quando será pregado

(durante a Grande Tribulação) e quem irá pregar este último grande testemunho. A pregação do Evangelho do Reino entre todas as nações se realizará durante o fim da era. Até esse tempo, o Evangelho do Reino ainda não terá sido pregado. Os pregadores deste Evangelho durante o término dos anos da era judaica serão o remanescente judaico.

Estes são os irmãos do Senhor segundo a carne. Eles andarão entre as nações do mundo e darão o seu testemunho na proclamação daquele Evangelho, que anunciará a proximidade da vinda do Rei e do Seu Reino. Como serão recebidos entre as nações? O seu testemunho será universalmente crido ou rejeitado? As palavras do nosso Senhor, no término do discurso, dão-nos a resposta a isso.

Algumas das nações receberão o seu testemunho. Elas crerão no Evangelho do Reino, o último grande testemunho. Manifestarão a genuinidade da sua fé pelas suas obras. Os pregadores estarão sendo perseguidos e odiados pelos outros, sofrendo, passando fome e alguns até lançados na prisão. Estas nações, que crerão no seu testemunho, mostrarão a sua fé em dar-lhes de comer, vesti-los, visitá-los nas prisões e em mostrar-lhes amor.

O caso de Raabe pode ser considerado como uma prefiguração típica disto. Ela creu. Isto foi num tempo em que o juízo estava aproximando-se de Jericó (tipo do mundo). *"Pela fé Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias"*.

Outra vez está escrito sobre ela: *"De igual modo, não foi justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?"* Ela teve fé e manifestou-a pelas suas obras. Assim essas nações crerão nos mensageiros e os tratarão com bondade, e deste modo a graça os cobrirá, porque elas crerão.

Elas entrarão no Reino e o herdarão; como justas entrarão na vida eterna. Em outras palavras, elas permanecerão aqui na terra durante toda a era do Reino, de onde passarão para o estado eterno. Cremos plenamente que elas ocuparão uma posição especial no Reino, juntamente com os salvos de Israel.

Nem poderão elas participar da revolta que se realizará depois dos mil anos, quando Satanás for solto por um pouco de tempo.

Poderá surgir a pergunta sobre quem são estas nações que receberão o Evangelho do Reino. Isto não pode ser respondido agora. Uma coisa, porém, parece bem certa: As nações que ouviram a pregação do Evangelho da Graça e tiveram a oportunidade de crer, não terão outra oportunidade para aceitar o Evangelho do Reino.

E, agora, o outro lado. Haverá nações, na presença daquele trono da glória, que serão colocadas à esquerda do Rei. Os mensageiros irão a elas, mas elas se recusarão a aceitar a sua mensagem e, por isso, não

irão tratá-los com bondade e misericórdia. Estas nações continuarão em maldade e descrença; rejeitarão esta última oferta e seu destino eterno estará decidido para sempre.

O Rei dirá: *"Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos"*. No final o Senhor diz: *"E irão estes para o castigo eterno"*. Quão solenes são estas palavras! Palavras terríveis! Apartai-vos de Mim! Para onde? Para o fogo eterno. Ele não diz "malditos de Meu Pai", mas simplesmente *"malditos"*, pois o Pai não amaldiçoa; Ele não quer que ninguém esteja no lugar de separação e de escuridão eterna. O fogo eterno não é o lugar preparado para as nações, mas sim, para o diabo e seus anjos.

Contudo, pela rejeição do amor e da misericórdia de Deus, por continuarem na incredulidade, elas se colocaram ao lado do diabo e de seus anjos e agora não há outro recurso a não ser compartilhar para toda a eternidade do lugar preparado para eles.

No fim dos mil anos, o diabo será colocado no lago de fogo (Apocalipse 20.10). Antes do Milênio, a Besta e o Falso Profeta serão lançados naquele lugar (Apocalipse 19.20). A ordem da punição é, pois, a seguinte: 1) A Besta e o Falso Profeta; 2) As nações injustas; estas irão para lá antes do Reino milenar; 3) O diabo e seus anjos; 4) Os mortos maus do julgamento do grande trono branco; este se realizará depois dos mil anos.

Ó que tolíce tentar invalidar o ensino sobre o castigo eterno dos maus! Contudo, isto vem sendo feito nos nossos dias mais do que nunca anteriormente. Deus é bom demais, misericordioso demais, dizem alguns, para fazer isso. Outros afirmam que, embora haja castigo, não será eterno, mas de duração apenas temporária. Todas estas teorias filosóficas e fantásticas, tão populares em nossos dias, são plenamente respondidas pelas palavras tão solenes do Senhor: *"E irão estes para o castigo ETERNO, porém os justos para a vida ETERNA"*.

Assim termina este último grande discurso do Rei, registrado neste evangelho. Dentro em breve, tudo o que Ele predisse, enquanto estava assentado sobre o Monte das Oliveiras, será uma realidade.

Leitor, vivamos à luz destas solenes verdades!!!

**.oOo.**